



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS

RAPHAELA ALVES DE LIMA LIRA

“O QUE SE EXIGE DELE E O QUE ISSO EXIGE DELE.”
Uma análise das prescrições do trabalho de professores recém-egressos a partir da Instrução ao Sósia.

João Pessoa

2019

Raphaela Alves de Lima Lira

“O QUE SE EXIGE DELE E O QUE ISSO EXIGE DELE.”
Uma análise das prescrições do trabalho de professores recém-egressos a partir da Instrução ao Sósia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção de título de licenciado em Letras-Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Betânia Medrado Passos

João Pessoa

2019

L768q Lira, Raphaela Alves de Lima.

O QUE SE EXIGE DELE E O QUE ISSO EXIGE DELE. Uma análise das prescrições do trabalho de professores recém-egressos a partir da Instrução ao Sósia. / Raphaela Alves de Lima Lira. - João Pessoa, 2019. 102 f. : il.

Orientação: Betânia Passos Medrado.
Monografia (Graduação) - UFPB/cchla.

1. Trabalho docente. 2. Formação inicial. 3. Professores recém-egressos. 4. Instrução ao sósia. 5. Instâncias prescritivas. I. Medrado, Betânia Passos. II. Título.

UFPB/CCHLA

RAPHAELA ALVES DE LIMA LIRA

“O QUE SE EXIGE DELE E O QUE ISSO EXIGE DELE.”
Uma análise das prescrições do trabalho de professores recém-egressos a
partir da Instrução ao Sósia.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Letras-Inglês, da Universidade Federal da Paraíba.


Data da aprovação:

12/09/2019

Banca examinadora:


Prof.^a Dr.^a Betânia Passos Medrado
Orientadora
(UFPB)


Prof.^a Dr.^a Mariana Pérez Gonçalves da Silva
Examinadora
(UFPB)


Prof.^a Dr.^a Rosycléa Dantas Silva
Examinadora
(UFPB)

Dedico este trabalho a Fátima.
Em qualquer lugar.
Para sempre.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a todos que me ajudaram a chegar até este momento.

À minha orientadora e professora, Betânia Medrado, pela paciência e dedicação durante a construção desta pesquisa. Muito obrigada pelo incentivo, compreensão e inspiração.

À professora Mariana Pérez pela dedicação em sala de aula, por ter me acolhido na pesquisa acadêmica, me apresentado a Instrução ao Sósia e me ajudado no começo da minha carreira profissional. Sempre muito paciente, generosa e brilhante.

Às professoras Rosycléa Dantas e Mariana Pérez por terem aceitado fazer parte da banca desta pesquisa.

Ao professor Fábio Bezerra pela generosidade e gentileza em sala de aula. Em momentos de dúvidas, suas palavras de incentivo me fizeram enxergar tudo que eu poderia realizar como professora. Muito obrigada.

Aos professores que participaram dessa pesquisa, Mavé and Henrique Eduardo.

Aos colegas e amigos que fiz durante a graduação, que sempre me apoiaram. Obrigada em especial para Clarissa, Polianna e Kássia pelas conversas e lanches nos primeiros períodos.

Aos amigos que dividiram as alegrias e dificuldades da graduação comigo. Obrigada Gustavo, Ingrid, Lucas, Juliana e Anna Camila, fica mais fácil quando compartilhamos a caminhada com pessoas como vocês. A luta continua.

Aos amigos da vida, familiares e colegas de trabalho. Obrigada pelo apoio.

À minha mãe, Sandra, por ter me dado tudo que eu precisei para chegar até aqui, por ter me mostrado o melhor caminho para seguir, mas ter me deixado livre para escolher. Obrigada pela confiança, pelo amor e pela inspiração.

À minha irmã, Renatha, por ter caminhado ao meu lado durante toda a minha vida e por ter acreditado em mim quando nem eu acreditava mais. Obrigada por todas as palavras, cartas, lágrimas e até pelo silêncio compartilhado. Você me inspira. Sem você eu não teria conseguido.

“The paradox of education is precisely this - that as one begins to become conscious one begins to examine the society in which he is being educated.”

James Baldwin

RESUMO

Considerando que o trabalho docente vai além de planejar aulas e dominar técnicas (MEDRADO, 2011) pesquisadores o investigam como atividade situada, interpessoal e conflituosa (MACHADO, 2007). Compreendemos, então, que é necessário conhecer os motivos e as intenções (MEDRADO, 2011) que regem as ações dos professores. Voltada para o trabalho de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba, nossa pesquisa, de natureza qualitativa, busca investigar como dois professores recém-egressos compreendem as instâncias prescritivas no seu trabalho docente. Para tanto, utilizamos como aporte teórico pesquisas que discutem a formação inicial e sua influência na prática docente, o trabalho docente e a relação entre o que é prescrito e realizado (AMIGUES, 2004; PIMENTA E LIMA, 2006; MACHADO, 2007; MEDRADO, 2010; PÉREZ, 2011; 2014a; 2014b). Utilizamos a metodologia de Instrução ao Sósia (CLOT, 2007) para gerar os dados da nossa pesquisa, utilizada na Clínica da Atividade e segundo a qual, o trabalhador, no nosso caso o professor, descreve seu trabalho utilizando o máximo de detalhes possíveis para que um sósia assuma, hipoteticamente, o seu lugar sem que ninguém perceba. Nossa análise evidenciou como instâncias prescritivas a escola, os alunos, os pais dos alunos e o livro didático, que fazem com que o professor reflita sobre sua prática para então agir. Dessa forma, os resultados apontam para a característica complexa e, algumas vezes, imprevisível do trabalho docente.

Palavras-chave: Trabalho docente; Formação Inicial; Professores recém-egressos; Instrução ao Sósia; Instâncias Prescritivas.

ABSTRACT

Considering that the teaching work goes beyond planning classes and mastering techniques (MEDRADO, 2011) researchers investigate it as a situated, interpersonal and conflicting activity (MACHADO, 2007). We understand, then, that it is necessary to know the motives and intentions (MEDRADO, 2011) governing the actions of teachers. Focused on the work of two recently graduated teachers of the Letras-Inglês course at the Federal University of Paraíba, our qualitative research seeks to investigate how two newly graduated teachers understand prescriptive instances in their teaching work. For such, we use as theoretical support researches that discuss the initial teacher training and its influence in the teaching practice, the teaching work and the relation between what is prescribed and accomplished (AMIGUES, 2004; PIMENTA E LIMA, 2006; MACHADO, 2007; MEDRADO, 2010; PÉREZ, 2011; 2014a; 2014b). We use the Instruction to the Double methodology (CLOT, 2007) to generate the data of our research. In the Instruction to the Double procedure, used at the Clinic of Activity, the worker, in our case the teacher, describes his work using as much detail as possible so that a look-alike takes his place without anyone noticing. Our analysis showed as prescriptive instances the school, the students, the parents of the students and the textbook, which make the teacher reflect on his practice and then act. Thus, the results point to the complex and sometimes unpredictable characteristic of teaching work.

Keywords: Teacher Education; Initial Teacher Training; Newly graduated teachers; Instruction to the Double; Prescriptive instances.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Elementos constitutivos do trabalho docente.....	16
Quadro 01 – Síntese do percurso metodológico.....	25
Quadro 02 – Síntese da análise.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DA FORMAÇÃO INICIAL AO TRABALHO DOCENTE.....	11
2.1 A formação inicial do professor de língua inglesa: algumas considerações.....	11
2.2 O trabalho docente: do prescrito ao real.....	15
3 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	20
3.1 Natureza da Pesquisa.....	20
3.2 Contexto da pesquisa e perfil dos colaboradores.....	21
3.3 Instrumentos de pesquisa e geração de dados.....	22
3.4 Procedimentos e categorias de análise.....	24
4 PARTINDO PARA ANÁLISE: DA PRESCRIÇÃO AO AGIR.....	26
4.1 O que se exige dele: Identificando as prescrições.....	26
4.1.1 A escola.....	26
4.1.2 Os alunos.....	32
4.1.3 Os pais dos alunos.....	34
4.1.4 O livro didático.....	36
4.2 O que isso exige dele: Analisando como os professores lidam com as prescrições.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A.....	50
APÊNDICE B.....	51
APÊNDICE C.....	54

1. INTRODUÇÃO

Mudanças nas políticas públicas e sociais marcaram as últimas décadas no Brasil. No contexto educacional, o status do professor como alguém que domina técnicas e cumpre prescrições, tendo que comprovar seu conhecimento teórico antes de ir para a sala de aula, tem sido substituído pela concepção do professor crítico-reflexivo, que tem como característica a compreensão de que a competência prática não é decorrente da competência teórica, e sim que ambas são importantes e dependem uma da outra. Assim, teorizar a partir da própria prática indica uma compreensão do ensino como atividade que pode ser reelaborada por quem a vivencia (MEDRADO, 2012).

Levando em consideração esses aspectos, pesquisadores têm se dedicado a investigar o trabalho docente (AMIGUES, 2004; BRONCKART, 2006; PIMENTA e LIMA, 2006; MACHADO, 2007; MEDRADO, 2010; 2012; PÉREZ, 2011; 2014a; 2014b) e suas particularidades, buscando ampliar as concepções acerca dessa prática. As pesquisas demonstram que o trabalho docente é complexo e por isso difícil de definir. Desse modo, compreendemos que é necessário o investimento em pesquisas que visam à expansão dos conceitos sobre a prática docente, considerando que vivemos em uma sociedade que está em constante mudança. Assim, essas pesquisas podem se tornar importantes, tanto para o professor em formação inicial, quanto para o professor em formação continuada, pois contribuem com o processo de compreensão do que é o trabalho docente.

Nesta linha, Pérez (2014b) afirma que a análise das práticas, em especial os métodos indiretos de análise, podem dar acesso a aspectos não-observáveis, o que contribui para a ressignificação do trabalho e para o desenvolvimento do docente. Assim, utilizamos o instrumento de Instrução ao Sósia para gerar os dados desta pesquisa, tendo como objeto de estudo a prática de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Com o intuito de compreender melhor o trabalho desses professores e a maneira com que eles lidam com a prática, este trabalho objetiva responder as seguintes questões de pesquisa:

1. Quais instâncias prescritivas são evidenciadas em entrevistas de Instrução ao Sósia com dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da UFPB?
2. Como essas instâncias influenciam o agir desses professores?

Para responder essas questões, temos como objetivo geral *investigar como dois professores recém-egressos compreendem as instâncias prescritivas no seu trabalho docente*. Assim, temos como objetivos específicos:

1. Identificar quais instâncias prescritivas são evidenciadas nas vozes de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da UFPB.
2. Analisar o papel dessas instâncias no agir dos professores.

Acreditamos que a análise do trabalho docente possibilita não apenas a compreensão dos diversos aspectos que estão envolvidos nessa prática, mas também gera reflexão acerca desta atividade. Além disso, através da tomada de consciência do caráter complexo dessa prática, os professores, tanto em formação inicial como continuada, podem interferir nesse meio.

O interesse em investigar o trabalho docente surgiu durante as disciplinas de Estágio Supervisionado, onde frequentamos escolas e observamos aulas. Estar no ambiente escolar, em contato com situações reais do ensino abriu espaço para diversos questionamentos acerca da prática docente. Durante esse período, a participação em um projeto de Pesquisa Científica voltada para a análise do trabalho docente fez crescer o interesse e a necessidade de buscar saber mais sobre o que é esta atividade e quais são suas características.

Compreendemos que ao discutir acerca do trabalho de professores recém-egressos podemos refletir, não só sobre a formação inicial, mas também sobre o que se espera desses profissionais que estão saindo graduados das universidades, como eles compreendem suas práticas e como ressignificam, ou não, o que aprenderam durante a graduação. Ressaltamos que os professores colaboradores deste trabalho, assim como a pesquisadora desta monografia, aluna quase egressa (2019.1) e que atua na área como professora de Inglês, estudaram na mesma universidade e são colegas de profissão. Assim, ao realizar as entrevistas e analisar os dados sobre o trabalho desses professores, também nos confrontamos com

nossa prática, identificando aspectos que nos são familiares, o que corrobora com a ideia de que ao investigar a prática docente, também refletimos sobre nosso próprio agir.

Levando em consideração essas características e visando responder nossas questões de pesquisa, nosso trabalho está assim estruturado: neste capítulo, situamos o leitor quanto ao nosso objeto de estudo; no segundo capítulo, de fundamentação teórica, discutimos, à luz de Amigues (2004), Pimenta e Lima (2006), Pérez (2014a), dentre outros, questões que dizem respeito à formação docente e às especificidades do trabalho do professor; no capítulo do percurso metodológico, apresentamos os instrumentos utilizados para geração de dados da pesquisa, o contexto, os perfis dos colaboradores e os procedimentos e as categorias de análise; finalmente, no último capítulo, identificamos as instâncias prescritivas nas entrevistas de Instrução ao Sósia dos dois professores egressos.

2. DA FORMAÇÃO INICIAL AO TRABALHO DOCENTE

Neste capítulo, traremos uma breve reflexão acerca do processo de formação do professor de língua inglesa, nos debruçando sobre pesquisas que discutem algumas particularidades da formação. Em seguida, abordaremos alguns trabalhos que analisam o conceito e as características do trabalho docente.

2.1 A formação do professor de língua inglesa: algumas considerações

A formação de professores é um tema recorrente no ambiente acadêmico, o que pode ser justificado devido ao seu caráter complexo. É através das pesquisas (PIMENTA, 1995; 1999; PIMENTA E LIMA, 2006; MEDRADO, 2010; PÉREZ, 2011; 2014a) que conseguimos compreender melhor o processo que a formação docente tem trilhado, tendo assim, a oportunidade de observar mudanças e identificar possíveis problemas nas práticas, assim como contribuir com as pesquisas.

Ao discutirmos a formação inicial do professor, bem como seu agir, é necessário considerar que esse processo tem início muito antes da graduação. O desenvolvimento pessoal, assim como a experiência como aluno da educação básica, faz parte do sujeito e pode afetar seu percurso profissional. Em outras palavras, o contexto social interfere na formação da identidade profissional e esse contexto engloba as experiências desse professor em formação. Pimenta (1999) argumenta que a identidade profissional se constrói

a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas [...] Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (p. 19).

Conscientes da relevância do papel do professor na sociedade, compreendemos que sua formação inicial “deve contribuir de forma significativa, preparando os futuros profissionais com autonomia e atitude investigativa.” (GIMENEZ e CRISTOVÃO, 2004, p. 89). Para tanto, é necessário que as instituições

superiores promovam um ensino no qual esses futuros profissionais possam se desenvolver em contato com as práticas diárias da Educação Básica, tendo em vista que estão se preparando para atuar nesse contexto. Gimenez e Cristovão (2004) vão além da noção de que os graduandos precisam estar em contato com a prática e afirmam que os problemas dessa prática devem direcionar, sem limitar, os conteúdos escolhidos na graduação. Dessa forma, o professor em formação inicial prepara-se para realidade em que irá atuar partindo de questões advindas de contextos reais, o que pode evitar decepções ao concluir o curso e iniciar na Educação Básica, tendo em vista que é de conhecimento comum que alguns professores recém-egressos da graduação se surpreendem negativamente com o que encontram ao iniciar a carreira docente. É possível que isso seja decorrente do distanciamento entre a formação inicial e a Educação Básica.

Ao discutir a relação entre prática e formação de professores, Bueno (2007) ressalta que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (doravante LDB) de 96 busca a integração entre ambas na formação inicial. Assim, autora argumenta que o estágio supervisionado passou a ser mais valorizado como meio para oportunizar ao profissional em formação um contato direto com a realidade na qual atuará. Observando a atenção dada à práxis, a autora defende a utilização do estágio supervisionado como um espaço para a ação e a reflexão, aliando assim as atividades da prática com as de pesquisa, promovendo o desenvolvimento do estagiário. É importante ressaltar que a versão da LDB de 2013 (BRASIL, 2013) valida essa perspectiva ao afirmar que é indispensável para a formação docente o conhecimento da escola e de suas particularidades, a pesquisa e análise da área educacional, assim como a aplicação dos resultados dessas investigações.

Pimenta e Lima (2006) afirmam que o estágio sempre foi visto como a “parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral” (p. 6), o que coloca essa prática em lugar oposto à teoria, gerando comentários como “na prática a teoria é outra”, criando uma esfera onde teoria e prática estão em lugares opostos e não se articulam na formação profissional. Em outras palavras, é como se a teoria e a práxis tivessem objetivos diferentes e uma só pudesse ser pauta na formação depois da outra. Sendo assim, a prática seria dependente da teoria, mas dificilmente o oposto aconteceria; no entanto, sabemos que essa não é a realidade, teoria e prática devem ser articuladas no processo de formação. As autoras reforçam esse

pensamento ao afirmarem que o profissional não pode ficar reduzido ao ‘prático’ para que não se estimule a ideia de que “há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática.” (p. 9).

Para que o estágio supervisionado seja um espaço que integre teoria e prática, não apenas no projeto pedagógico de curso ou na prescrição curricular e sim na realidade, é necessário que sua realização se distancie da noção de que o estagiário está naquele ambiente para avaliar o trabalho do professor. Compreendemos que esse é um aspecto que ainda dificulta o desenrolar da experiência de estágio, uma vez que alguns professores não se sentem confortáveis para receberem estagiários, pois acreditam que estes estão lá para apontar falhas. O resultado disso é o distanciamento entre a universidade e a escola. (PIMENTA e LIMA, 2006). Pérez, (2014a) afirma que

na condição de professora de estágio supervisionado, testemunhamos a dificuldade e o esforço para a construção de parcerias efetivas entre as universidades e as escolas[...] e ainda observamos estágios ou espaços da prática que se resumem ao cumprimento de atividades na escola campo que incluem observações do professor regente para preenchimento de fichas de observação que, muitas vezes, não são objeto de discussão nem na universidade nem entre aluno-professor e professor regente (p. 22).

Dessa forma, é necessário que haja um diálogo entre os envolvidos nessa atividade para que o objetivo do estágio fique claro, tanto para o estagiário como para o professor que irá recebê-lo, e não se perca, pois sabemos que essa experiência pode trazer benefícios para todos que dela participam. Um estágio bem planejado e realizado oportuniza o desenvolvimento não só do professor em formação inicial, mas também do professor que recebe esse estagiário, considerando que essa pode ser, para ele, uma forma de partilhar atividades, discutir e repensar sua prática.

Diante dos desafios presentes na prática docente e das transformações causadas por novos planos e diretrizes, tal como o Plano Nacional da Educação, faz-se necessário discutir a formação e o trabalho docente, para que os futuros profissionais e os profissionais que já estão atuando há mais tempo compreendam as necessidades e a complexidade das práticas. Frente a essa constatação, é importante ressaltar que pesquisas indicam que mudanças foram e estão sendo implementadas na área da formação inicial de professores (PÉREZ, 2014b). O

Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba implementou, no período vigente, um novo Projeto Pedagógico de Curso (doravante, PPC¹), em que alterações no currículo foram propostas. No antigo currículo² as disciplinas de Estágio Supervisionado iniciavam no quarto semestre do curso, estando organizadas em 07 (sete) disciplinas de 60 (sessenta) horas, onde apenas nas três últimas, estágios 5, 6 e 7 os alunos frequentavam as escolas para observação e regência. O novo PPC, porém, organiza os estágios supervisionados em 04 disciplinas, onde 02 têm carga horária de 60 horas e as outras 02 de 120 horas, totalizando 360 horas. Além disso, foi incluído na carga horária um seminário temático que é dividido em três módulos de 15 horas. Nessa nova configuração o professor em formação fica dois períodos no Ensino Fundamental e dois no Ensino Médio. O documento justifica as alterações argumentando que as mudanças visam aproximar o professor em formação dos contextos em que atuará.

Nessa perspectiva, Pérez (2014b) defende que o professor em formação se beneficia do contato com diferentes instrumentos de análise do trabalho docente, que proporcionam o acesso a diferentes aspectos da práxis, “desmistificando a aparente simplicidade do trabalho docente, às vezes, entendido como apenas o domínio de conteúdos para “dar aulas” por alguns que têm o “dom” para tal.” (p. 4-5). Dessa maneira, as mudanças na formação inicial que visam aproximar o professor de diferentes práticas, como as pesquisas indicam, são necessárias e bem-vindas, pois, embora ele não possa se preparar para tudo, o professor de língua inglesa em formação inicial precisa estar consciente do que irá encontrar ao iniciar sua carreira na Educação Básica. Como sabemos, a crença de que não se aprende inglês na escola se perpetua, por isso, é necessário que o professor esteja preparado para agir nesse contexto, buscando desconstruir essa crença, visto que através do combate a pensamentos como esse podemos tentar mudar a realidade do ensino de línguas na nossa sociedade atual. É de conhecimento comum que as disciplinas de línguas estrangeiras acabam ficando à margem na educação básica, um exemplo disso é a carga horária inferior às demais disciplinas, o que demonstra que em alguns casos o ensino de idiomas não recebe a importância necessária para que obtenha um resultado positivo.

¹ Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/menu/documentos-1>

² É importante ressaltar que os professores recém-egressos que participaram desta pesquisa cumpriram o antigo currículo, tendo em vista que se formaram no período 2017.2.

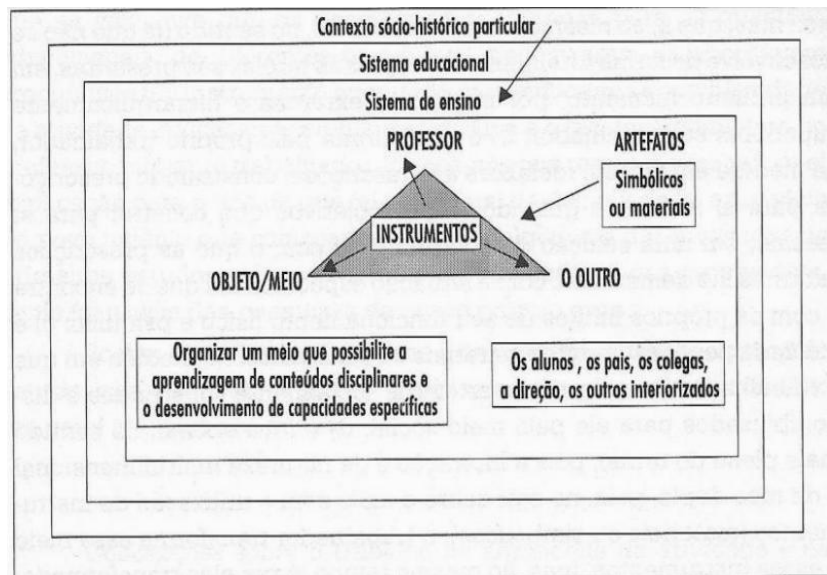
2.2 O trabalho docente: do prescrito ao real

O trabalho docente tem sido foco de diversas pesquisas ao longo dos anos, (AMIGUES, 2004; SOUZA-E-SILVA, 2004; MACHADO, 2004; 2007; BRONCKART, 2006; MEDRADO, 2011; PÉREZ, 2011; 2014a). No entanto, de acordo com Machado (2007), não temos conceitos definitivos para designar o trabalho do professor, e sim, “conceitualizações provisórias que vão se construindo e desconstruindo no confronto com os dados e com os resultados das pesquisas.” (p. 91). Partindo desse princípio, entendemos que é através das análises da atividade docente que nos aproximamos de uma compreensão acerca do que é este trabalho.

Machado (2007 p. 91-92) caracteriza a atividade de trabalho como *situada*, devido à influência do contexto; *pessoal e impessoal*, por envolver as dimensões físicas e cognitivas do profissional, mas ao mesmo tempo ser desenvolvida hierarquicamente por outros; *prefigurada* pelo trabalhador ao reelaborar o que lhe é prescrito; *mediada* por instrumentos materiais ou simbólicos; *interacional*, pois ao agir sob o meio o trabalhador transforma esse meio e por ele é transformado; *interpessoal* devido à interação com outros indivíduos; *transpessoal* por ser guiada por modelos específicos de agir; *conflituosa*, pois exige que o trabalhador faça escolhas frente às diferentes vozes e prescrições; *fonte para a aprendizagem de novos conhecimentos e para o desenvolvimento de capacidades*. Partindo dessas características, compreendemos que a atividade de trabalho é complexa e por isso exige uma análise que considere seus elementos específicos para que possamos ampliar seus conceitos e assim contribuir com as pesquisas já realizadas.

Neste contexto, Machado (2007), buscando contribuições de Clot (1999; 2006), Amigues (2004) e Bronckart (2007), apresenta um esquema com elementos do trabalho do professor, que podemos ver na imagem seguinte:

Figura 01 – Elementos constitutivos do trabalho docente (MACHADO, 2007, p. 92)



Fonte: Machado (2007)

Observando o triângulo, vemos que o trabalho do professor é sócio-historicamente situado, envolve o professor, o outro, que inclui desde a direção aos pais dos alunos, e o objeto, sendo os artefatos os mediadores dessa relação. (PÉREZ, 2014a). Assim, é possível observar no trabalho docente as características antes mencionadas, o que contribui com a noção de complexidade do trabalho que depende de diferentes instâncias para ser realizado e que não se limita à sala de aula e à relação entre professor e aluno (MACHADO, 2007). Por isso, há a necessidade de se discutir acerca do trabalho docente, preferencialmente partindo do que o próprio professor tem a dizer, uma vez que podemos ter acesso às suas escolhas, motivações, concepções sobre ensino e aprendizagem (ARAÚJO, 2014), assim como ao que faz ou deixa de fazer.

Ao ouvir o professor falar sobre a sua prática, nos distanciamos de uma perspectiva que apenas observa o trabalho e analisa o que deve ser feito, pontuando o que não funciona no ensino, e nos aproximamos de uma abordagem que busca compreender o que está sendo realizado e quais as razões pelas quais isso está acontecendo. Debruçamo-nos, assim, sobre as dificuldades e os impedimentos que o professor encontra ao realizar seu trabalho. Não se trata de procurar culpados para o que não dá certo e sim de promover reflexões que possam vir a contribuir com pesquisadores e professores nas discussões acerca do trabalho docente.

A Ergonomia de vertente francesa surgiu voltada para a “análise da atividade humana em situação de trabalho” (MACHADO, 2007, p. 86), visando à adaptação do trabalho ao homem e não o contrário. A autora ressalta que essa ergonomia se fortaleceu

quando os trabalhadores franceses começaram a contestar fortemente a organização taylorista e fordista do trabalho e quando os grandes sindicatos de trabalhadores diretamente atingidos por elas começaram a solicitar os ergonomistas para desenvolverem pesquisas para melhorar suas condições de trabalho. Assim, pode-se dizer que a ergonomia francesa ganhou seu maior impulso em uma contraposição ao taylorismo, com inúmeras pesquisas demonstrando como o objetivo taylorista de se prescrever as tarefas dos trabalhadores em seus mínimos detalhes era totalmente inexecutável, dada a inevitável distância entre a prescrição e a atividade real do trabalhador (p. 86).

A partir de então aparecem as noções de trabalho prescrito e trabalho real(izado)³ (BRONCKART, 2006). O trabalho prescrito é o que é predefinido acerca do que deve ser cada atividade. No caso do trabalho docente, os documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares, os projetos pedagógicos, manuais, dentre outros, são elementos que prescrevem. Já o trabalho realizado é o que, de fato, acontece em uma situação concreta. No nosso contexto, é o que o professor faz em sala de aula.

Clot (1999 apud AMIGUES, 2004), no âmbito da Clínica da Atividade⁴ acrescenta a esses conceitos a noção de real da atividade, que é

aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer [...] aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer. Sem contar aquilo que se tem de refazer (CLOT, 2007, p. 116).

Ou seja, o real da atividade é tudo que potencialmente pode ser feito. Essa concepção demonstra que o trabalho não deve ser compreendido apenas como o que é prescrito e o que é realizado, haja vista que precisamos também levar em consideração o que não acontece, assim como as razões e justificativas para tal. Ao

³ O que Bronckart (2006) denomina trabalho real corresponde ao trabalho realizado da Ergonomia. A noção de trabalho real foi acrescentada pela Clínica da Atividade (PÉREZ, 2014a). Em nossa pesquisa iremos utilizar o termo trabalho realizado para nos referirmos ao que de fato é feito pelo professor.

⁴ Dispositivo metodológico que considera o trabalho como um campo de desenvolvimento humano (PÉREZ, 2014a).

considerar o real da atividade no trabalho docente, podemos observá-lo de um ponto de vista pouco explorado, além de nos aproximarmos das dificuldades e impedimentos que fazem parte dessa prática. Sendo assim, tanto o trabalho realizado quanto o real da atividade são importantes para as pesquisas sobre o trabalho do docente, tendo em vista que este é “constantemente habitado por outras intenções que não se realizaram” (LOUSADA, 2004) e que acabam não sendo levadas em consideração.

Amigues (2004, p. 40) argumenta que “há geralmente uma distância sistemática entre o trabalho tal como é prescrito e o trabalho efetivamente realizado pelo operador.” A princípio, podemos compreender que essa situação ocorre porque as prescrições do trabalho surgem, em um primeiro momento, de fora para dentro, sejam elas definidas por leis, instituições, ou pelos próprios empregadores. Assim, o que se espera de determinado trabalho é prescrito, muitas vezes, sem se considerar as especificidades dos diferentes contextos, o que pode ocasionar um conflito no momento em que o trabalhador se depara com a prática, haja vista que pode encontrar aspectos que irão fazer com que ele precise agir de maneira diferente do que lhe foi prescrito. Assim, o trabalhador atua entre *o que se exige dele e o que isso exige dele*, tendo que conciliar o que lhe é prescrito com o que pode fazer. Vale ressaltar que ao se distanciar do prescrito para lidar com uma situação inesperada, o trabalhador irá, muito provavelmente, criar suas próprias prescrições para alcançar seu objetivo.

Considerando as características aqui discutidas, nos voltamos para o trabalho docente do professor recém-egresso e observamos que “é nessa tensão entre o prescrito e o realizado que o sujeito vai mobilizar e construir recursos que contribuirão para seu desenvolvimento profissional e pessoal.” (AMIGUES, 2004 p. 40) Assim, esse professor, que está iniciando sua carreira, precisa estar consciente não apenas das prescrições que irá encontrar, mas também do fato de que terá, muitas vezes, que repensar essas prescrições, adaptá-las para seu contexto e até reformulá-las, se preciso for. Considerando o triângulo de Machado (2007), compreendemos que o professor precisará lidar com diferentes instâncias prescritivas, tais como a escola, os pais e os alunos. Dessa forma, o professor recém-egresso terá que utilizar seu conhecimento acerca do contexto em que está

inserido para conduzir seu agir, estando consciente de que há uma ideia socialmente construída de como o seu trabalho deve ser realizado, o que exigirá dele um posicionamento, ou seja, esse professor terá que considerar as prescrições feitas e então precisará decidir como agir frente às expectativas e regras a ele impostas. Além disso, como mencionamos anteriormente, as mudanças na Educação exigem que o professor esteja sempre refletindo sobre seu trabalho, exercício que o auxiliará na compreensão de sua atividade e em como lidar com as prescrições.

No capítulo seguinte, discutiremos o percurso metodológico que seguimos para realização desta pesquisa.

3. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Neste capítulo descreveremos o percurso metodológico para o desenvolvimento deste trabalho. Para tanto, discutiremos a natureza da pesquisa, o contexto da pesquisa e o perfil dos colaboradores, os instrumentos utilizados para geração de dados e os procedimentos e categorias de análise.

3.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa de cunho interpretativista, tendo em vista que objetiva “interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34), ou seja, através de métodos específicos buscamos interpretar nosso objeto de estudo levando em consideração as diferentes perspectivas, o que, de acordo com Flick (2009, p. 23), faz parte dos “aspectos essenciais da pesquisa qualitativa”.

Bortoni-Ricardo (2008) defende a pesquisa de natureza qualitativa na área de pesquisa educacional, argumentando que ao se tornar pesquisador da prática pedagógica, seja a sua própria ou dos demais, o professor poderá compreender melhor suas ações, assim como o processo de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, ao assumir esse papel o professor passa a “produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46). Sendo assim, acreditamos que nossa pesquisa está alinhada a esses fundamentos, considerando que buscamos refletir sobre a prática de dois professores com o objetivo de identificar e discutir aspectos específicos de suas ações que, como a autora aponta, podem passar despercebidos na rotina.

Ao discutirem os métodos de coleta de dados Lüdke e André (1986) descrevem a entrevista como “uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa nas ciências sociais” (p. 33), chamando atenção para o caráter interativo que a entrevista possui. As autoras argumentam a favor das entrevistas mais livres, menos estruturadas, que permitem alterações, para pesquisas no contexto educacional, ressaltando seu caráter flexível. Podemos dizer que nosso instrumento de pesquisa, a Instrução ao Sósia (cf. seção 3.3. p. 22), se

aproxima dessa classificação, haja vista que tem uma pergunta norteadora específica, assim como questões que o pesquisador sabe que podem ser feitas, mas não possui uma estrutura rígida, prevê adaptações de acordo com o que é dito pelo entrevistado e se concretiza através do estímulo que o entrevistador apresenta na busca por informações do que fazer.

3.2 Contexto da pesquisa e perfil dos colaboradores

Este trabalho foi realizado com foco na atividade de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba. Assim, nossa pesquisa engloba tanto aspectos da graduação como da prática docente desses professores. Este estudo foi realizado após a participação da pesquisadora no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), ao longo do qual foi desenvolvida uma pesquisa⁵ acerca do trabalho docente e da formação inicial no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, utilizando a método de Instrução ao Sósia. Após o trabalho com a metodologia e o acesso às possibilidades promovidas pelo método, surgiu o desejo de continuar trabalhando com o instrumento de Instrução ao Sósia, agora voltado para a análise do trabalho do professor recém-egresso.

Para tanto, convidamos dois professores, que aqui serão identificados por nomes fictícios escolhidos por eles⁶, Henrique Eduardo e Mavé. Durante a geração dos dados, ambos os professores atuavam em contextos diferentes, Henrique Eduardo no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Mavé em uma escola da rede privada.

Henrique Eduardo iniciou a graduação no período 2014.1 e finalizou no período 2017.2. O professor começou a atuar na área após o final da graduação, sua experiência em sala de aula durante a graduação foi apenas nas disciplinas de Estágio Supervisionado. No período de geração de dados estava trabalhando há pouco mais de um mês. Durante a graduação o professor participou de um projeto de extensão, que de acordo com o mesmo lidava com o desenvolvimento de

⁵ Pesquisa intitulada “O trabalho do professor a partir da análise das práticas: contribuições e implicações para a pesquisa e formação docentes”, sob orientação da Professora Dr.^a Mariana Pérez.

⁶ Os professores assinaram um Termo de Consentimento autorizando a gravação das entrevistas, assim como a divulgação dos resultados. Ver termo no Apêndice A.

professores em formação inicial e continuada. Quando perguntado sobre que aspectos de sua formação acadêmica ele considerava indispensáveis para a sua prática, o professor afirmou que foi a “importância de contextualizar o ensino/aula à realidade do aluno. Que deve haver sentido e importância o que vamos trabalhar/passar da língua em sala de aula⁷”.

Mavé iniciou a graduação no período 2008.1 e finalizou no período 2017.2. Mavé começou a atuar ainda na graduação, tendo passado por diferentes contextos de ensino, fundamental I e II durante um ano, escolas de idiomas durante dois anos e ensino médio durante seis meses. Com relação aos aspectos que considera indispensáveis para sua prática, a professora cita o fato de se colocar no lugar do aluno e a partir daí refletir sobre como gostaria de aprender. Vale ressaltar que essa é a segunda graduação da professora, tendo sido a primeira em Direito.

3.3 Instrumentos de pesquisa e geração de dados

O método de Instrução ao Sósia foi desenvolvido por Ivar Oddone na década de 70 (CLOT, 2007) em busca de respostas que melhorassem o trabalho de operários da FIAT, em Turim. Com o objetivo de compreender e promover um papel central ao trabalhador, Oddone solicitava que os operários instruísem um sósia para que este o substituísse em um dia de trabalho sem que ninguém percebesse a substituição. Sendo assim, o trabalhador precisava fornecer o máximo de detalhes possíveis sobre sua prática. Ao assumir o papel de instrutor, o trabalhador se distanciava de sua prática para descrevê-la oportunizando assim uma observação de um ponto de vista diferente do que estava acostumado, podendo tomar consciência de aspectos que antes passavam despercebidos ou não recebiam atenção necessária.

Yves Clot reformulou o método de Instrução ao Sósia no âmbito da Psicologia do Trabalho, utilizado pela Clínica da Atividade que, visando à transformação das situações de trabalho, busca ir além da análise do trabalho entre a prescrição e o trabalho realizado (PÉREZ, 2014a), acrescentando o real da atividade que se refere ao que não é feito, ao que o trabalhador gostaria que tivesse sido feito, ou até ao

⁷ Resposta no questionário. Ver apêndice B.

que é feito no lugar do que deveria ter sido feito, como explicitado no capítulo 01 desta pesquisa. Assim, o real da atividade faz-se necessário nas análises de situações de trabalho. Vale ressaltar que o real da atividade não é observável, o que demanda a utilização de um método indireto para que essas informações sejam obtidas.

A entrevista de Instrução ao Sósia parte da seguinte pergunta: “Suponha que eu seja seu sósia e que amanhã deva substituir você em seu trabalho. Que instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?” (CLOT, 2007, p. 144). A partir desse questionamento o trabalhador irá descrever sua atividade, como mencionado anteriormente, oferecendo detalhes sobre todos os aspectos para que esse sósia ocupe seu lugar. Esta descrição deve estar mais voltada para *como* realizar tal atividade do que para *por que* realizar daquela forma. Sendo assim, o sósia busca informações de como deve agir ao assumir o lugar do trabalhador, o que faz com que o instrutor reflita sobre sua ação para então trazer à tona detalhes específicos de como realiza sua atividade. O método ainda prevê que o trabalhador tenha acesso ao material da entrevista e produza um comentário escrito sobre a experiência, o que promove dois momentos de autoconfrontação, um durante a entrevista e outro ao produzir o comentário (PÉREZ, 2014a).

A Instrução ao Sósia possibilita o desenvolvimento profissional em situações reais de trabalho (GOULARTE; GATTO, 2013) sendo o próprio trabalhador o agente transformador da sua atividade. As autoras discutem a eficiência da metodologia de Instrução ao Sósia para estudar o trabalho docente, chamando a atenção para a importância do professor na sociedade, argumentando a favor de métodos que visem melhorar a realização da atividade docente. Vale ressaltar que o objetivo do método é promover reflexões acerca da atividade docente, trazendo à tona aspectos que permitem que o professor tome consciência do que faz e das possibilidades que tem, podendo assim repensar sua prática.

Para gerar os dados desta pesquisa, na primeira etapa foi realizada uma entrevista de Instrução ao Sósia com dois alunos recém-egressos do curso de Letras – Inglês. Ambas as entrevistas foram realizadas em dezembro de 2018 na UFPB, sendo a primeira no dia 11 e a segunda no dia 20. É importante ressaltar que as datas de realização das entrevistas tiveram que ser adaptadas ao calendário dos

professores participantes. Chamamos atenção para esse aspecto, pois, como sabemos, a entrevista de Instrução ao Sósia prevê uma situação que, hipoteticamente, deve acontecer em algum momento próximo, para que ao instruir o sósia, o trabalhador possa ter a situação bem definida. No entanto, devido à disponibilidade dos professores as entrevistas foram realizadas no período de final do ano letivo, assim, embora a primeira entrevista tenha levado em consideração uma aula que ainda iria acontecer, a segunda foi feita quando a professora já havia finalizado as aulas, o que pode dificultar sua instrução da aula em si.

As entrevistas foram gravadas em áudio e em seguida foram transcritas pela pesquisadora. Precisamos esclarecer que o método prevê que o trabalhador além de transcrever sua própria entrevista também escreva um comentário o que configura um momento de autoconfrontação, já mencionado anteriormente. No entanto, em nossa pesquisa essas duas etapas não foram realizadas, tanto pela questão de disponibilidade dos participantes, como também pelo fato de que sendo nosso foco a identificação das instâncias prescritivas do trabalho desses professores e como elas interferem no agir dos mesmos, acreditamos que através da análise das entrevistas nossos objetivos podem ser alcançados.

Além da entrevista de Instrução ao Sósia, na segunda etapa, foi aplicado um questionário no *Google Docs*⁸, no qual realizamos perguntas a fim de coletar informações para elaborar o perfil desses professores. Para tanto, incluímos questões relacionadas a projetos e experiências vivenciados na graduação. O questionário⁹ foi elaborado e enviado por e-mail para os participantes. Consideramos necessária a aplicação do questionário para complementar a pesquisa, pois durante a Instrução ao Sósia não discutimos as questões relacionadas à formação desses professores.

3.4 Procedimentos e categorias de análise

Para realizarmos nossa análise, nos orientamos pelas pesquisas aqui abordadas acerca do trabalho docente e de suas características. Para tanto, fizemos

⁸ <https://docs.google.com/forms/>

⁹ Ver apêndice B

as transcrições *ipsis litteris* das duas entrevistas realizadas com os professores colaboradores.

Para atingirmos nosso primeiro objetivo (cf. quadro 01), observamos nas falas dos professores elementos que demonstravam atividades que o sócia deveria realizar, então, separamos os fragmentos que continham instâncias prescritivas. Ao separar esses fragmentos, quatro instâncias se destacaram, são elas: a escola, representada por seus funcionários, os alunos, os pais dos alunos e o livro didático.

Posto isto, visando alcançar nosso segundo objetivo, buscamos analisar como esses professores se referem às instâncias prescritivas que surgiram em suas falas, para tanto, separamos fragmentos que demonstram como os professores agem a partir dessas prescrições. Os procedimentos aqui adotados estão sintetizados no Quadro 01 a seguir:

Quadro 01 – Síntese do percurso metodológico

Objetivos	Procedimentos
Identificar quais instâncias prescritivas são evidenciadas nas vozes de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da UFPB.	1- Identificação de atividades que o sócia deveria realizar. 2- Separação dos fragmentos.
Analisar o papel dessas instâncias no agir desses professores.	1- Separação dos fragmentos que indicam como os professores agem frente às prescrições.

Além disso, nossa análise também leva em consideração os questionários respondidos pelos participantes.

No capítulo seguinte, a partir das pesquisas antes mencionadas, analisaremos os dados obtidos das entrevistas.

4. PARTINDO PARA ANÁLISE: DA PRESCRIÇÃO AO AGIR

Neste capítulo iremos analisar as entrevistas realizadas, buscando identificar quais são as instâncias prescritivas que surgem na fala de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês. Em seguida, analisaremos como os professores lidam com essas prescrições, até que ponto as prescrições regem o agir desses docentes e como eles ressignificam o que lhes é prescrito.

4.1 O que se exige dele: Identificando as prescrições

É importante ressaltar que estamos considerando como instâncias prescritivas tudo aquilo que de alguma forma estabelece o que esses professores devem fazer ou como devem realizar suas práticas. Posto isso, identificamos como instâncias prescritivas a escola, aqui representada por seus funcionários, os alunos, os pais dos alunos e o livro didático.

4.1.1 A escola

No fragmento 01 podemos observar que o toque de aviso que os professores devem ir para sala de aula aparece como algo que causou dúvida no início da atividade do professor Henrique Eduardo. Quando perguntado sobre a existência de um toque que indica o horário de se encaminhar para a sala o professor afirma:

Fragmento 01

sempre tem toques assim não é um toque cronometradozinho ponteiramente *acho que é o o inspetor mesmo que que toca por isso que às vezes no começo eu fiquei meio confuso porque as vezes começava mais cedo a aula às vezes começava antes. [...] eu “esse relógio não tá muito certinho” mas é ele que ele que meio que controla acho que todas as escolas são assim aquele barulhinho lá é controlado pelo inspetor (professor Henrique Eduardo).*

O fragmento mostra que o professor sabe a hora que deve ir para sala de aula de acordo com o toque, que para ele é controlado pelo inspetor da escola, vemos aqui que o professor atribui ao inspetor o papel de responsável por controlar o início e a duração das aulas. Chamamos atenção para o fato de o professor ter percebido uma diferença no horário do toque, fato este que influencia no planejamento e desenrolar das aulas como podemos observar no fragmento

seguinte, ao discutir sobre a possibilidade de preparar algum material no intervalo de uma aula para outra o professor diz:

Fragmento 03

só não aconselho por exemplo tentar fazer essas coisas no meio das aulas [...] porque por exemplo o eja como começa seis e meia e termina umas nove e meia *nem todas as aulas são longas umas são mais curtas que as outras* porque a divisão de horário *não sei bem o motivo* mas por exemplo a primeira aula tem mais tempo que a última **(Professor Henrique Eduardo)**.

Assim, o professor precisa lidar com essa diferença nos horários, sabendo que não terá o mesmo tempo com todas as turmas, tem que planejar suas aulas levando em consideração essa característica que lhe é imposta. Chamamos atenção também para o fato do professor dizer que não sabe o motivo das aulas terem duração diferente, mas ainda assim precisa adaptar-se para cumprir o que lhe é prescrito. Vemos então que ao realizar sua atividade o professor pode deparar-se com prescrições, ou outros aspectos dessa prática, que não compreende totalmente, mas que fazem parte do trabalho e precisam ser cumpridas.

A professora Mavé comenta que não há toque entre as aulas e os próprios professores devem se policiar para saber o horário de terminar as aulas, como podemos ver a seguir.

Fragmento 04

you que se policia [...] eu ando com um relógio pra saber qual é o horário que eu tenho que sair. **(Professora Mavé)**.

A professora questiona o fato de não ter um tempo de uma aula para outra, dizendo:

Fragmento 05

o que eu acho errado dentro desse contexto é que nós não temos tempo nem pra respirar saiu de uma vai pra outra sala e você já tem que tá cem por cento pra aquela próxima aula [...] eu acho que seria interessante digamos uns cinco minutos uns dez minutos de uma aula pra outra [...] *pra que o professor pudesse respirar analisar o que vai fazer e pra que o PRÓprio aluno que tivesse ali naquela aula anterior ele pudesse tirar dúvida.* **(Professora Mavé)**.

Vemos que os horários de início e término das aulas é algo que incomoda a professora, que acredita que um tempo entre uma aula e outra poderia proporcionar um momento para se preparar melhor para a aula seguinte ou para esclarecer qualquer dúvida que os alunos pudessem ter. Observamos, assim, que essa é uma prescrição que a professora, apesar de não concordar, precisa aceitar e adaptar-se, para que seu trabalho seja feito.

Outro aspecto da escola que aparece como instância prescritiva para o professor Henrique Eduardo é o próprio contexto do EJA. O professor menciona o fato de os alunos chegarem atrasados como algo que precisa ser considerado, como podemos ver no fragmento 06.

Fragmento 06

*o ambiente de eja a gente tem que fazer assim o mínimo possível pra desmotivar porque imagina você chega na sala você passa o dia trabalhando ou então passou o dia cuidando do filho aí vai estudar aí chega aí fica o professor “ei você chegou atrasado” sem saber sua história **(Professor Henrique Eduardo)**.*

O exemplo demonstra que o trabalho é uma atividade situada, tendo em vista que contexto em que está inserido, como aponta Machado (2007), interfere diretamente na prática desse professor, que mais adiante em sua entrevista volta a tocar nesse assunto, como mostra o fragmento seguinte.

Fragmento 07

*em cada turma tem alguém que trabalha sabe sempre tem alguém que trabalha e tem e chega atrasado chega cansado *tem que pensar levar essas coisas em consideração* **(Professor Henrique Eduardo)**.*

Ao dizer que precisa levar em consideração que os alunos trabalham o dia todo e depois vão para a aula, muitas vezes, chegando atrasados, o professor demonstra que esse é um aspecto de seu trabalho que não pode ser deixado de lado, ilustrando assim a característica interpessoal do trabalho docente (MACHADO, 2007).

A diretora e o inspetor aparecem para o professor Henrique Eduardo como dois agentes que prescrevem em algumas ocasiões, uma delas é quando um dos dois fala com o professor para “subir aula”, quando outro professor está ausente. É

interessante observar que o professor, a princípio, diz que eles pedem para que o professor junte as turmas, mas, em seguida, diz que este não é um pedido que o professor pode dizer não, como podemos observar no fragmento a seguir:

Fragmento 08

o que pode acontecer que às vezes acontece pelo menos acho que à noite só acaba faltando um professor e como as turmas do eja são geralmente pequenas *eles pedem “professor a gente pode juntar tal turma com tal turma?”* [...] própria diretora a diretora ou o inspetor perguntam isso [...] é perguntam se/ é meio que se pode/ a gente *tipo não é um pode que você pode responder não* (**Professor Henrique Eduardo**).

Compreendemos então que o professor percebe essa pergunta como algo que precisa dizer “sim”, pois ao dizer que “não é um pode que você pode responder não” podemos interpretar que, para ele, essa pergunta é apenas de uma formalidade, mas é algo que ele deve fazer. Podemos perceber, então, que a prescrição pode limitar o agir do profissional (PÉREZ, 2014a) que, neste caso, afirma que apesar de perguntarem se podem juntar as turmas, vê-se na posição de responder apenas sim. No entanto, é importante ressaltar que as prescrições são inerentes ao agir; não temos como objetivo classificá-las como aspectos negativos do trabalho docente. Visamos observar como essas prescrições aparecem para cada professor e assim discutir as formas que eles agem considerando as especificidades de seus contextos.

Partindo desse princípio, observamos uma situação similar na entrevista com a professora Mavé, mas nesse caso percebemos que a prescrição ocorre de maneira diferente. Quando questionada sobre a possibilidade de ter que subir aula ou cobrir algum professor que tenha faltado, a professora menciona que isso pode acontecer e exemplifica com uma situação que aconteceu quando ela precisou do horário de outros professores para realizar uma avaliação, a professora então explica que precisou procurar a coordenadora para resolver a situação, como podemos ver no fragmento 09.

Fragmento 09

coordenadora de início [...] expliquei a situação [...] *a coordenadora depois disse que eu deveria falar com cada professor individualmente* então eu falei com cada colega de trabalho expliquei a situação que

iriam ser três quartas-feiras e *aí eles poderiam utilizar as minhas aulas também já que eu estava tomando esse espaço* **(Professora Mavé)**.

Vemos que nesse caso há a necessidade de comunicar à coordenação sobre alterações que possam ser feitas nos esquemas das aulas, e, além disso, observamos que o diálogo entre os professores é estimulado, quando a coordenadora pede para que a própria professora converse com os demais professores. Além disso, notamos que a situação funciona como uma troca, já que a professora diz que ao ceder suas aulas naquele momento, os professores poderiam utilizar as aulas dela depois.

Em ambas as entrevistas os professores mencionam o fato de se sentirem livres para agir com relação ao conteúdo a ser trabalhado, como podemos ver nos fragmentos a seguir:

Fragmento 10

a diretora me deu liberdade por exemplo como eu cheguei bem no final da aula bem no final do ano eu não poderia simplesmente ir lá pros últimos capítulos do [...] livro porque provavelmente estaria falando coisas bem mais assim bem mais avançadas **(Professor Henrique Eduardo)**.

Fragmento 11

assim não diretamente *mas a diretora me deu liberdade* porque por exemplo ela tem noção por exemplo “eu sei que não vai dar fazer todo o assunto de um bimestre em poucas semanas já que você tem pouco tempo logo você aborde coisas que é importante pra você que você crê que sejam importantes para eles também” **(Professor Henrique Eduardo)**.

Fragmento 12

essa escola graças a deus *eles trazem muito essa coisa do professor ter essa liberdade* sabe inclusive é uma escola que assim eu tenho MUITO carinho por isso porque *eu tenho toda essa permissão de trabalhar da forma que eu entendo* LÓGico explicando que o livro não vai ser abandonado **(Professora Mavé)**.

Notamos que ambos os professores sentem-se *livres para agir*, porém não podemos deixar de observar que apesar de mencionarem que *são livres para decidir o que vão fazer*, as entrevistas mostram que existe uma prescrição por trás dessa liberdade para agir. Vemos no fragmento 11 que ao deixar o professor livre para

decidir o que fazer, a diretora menciona que ele deve abordar coisas importantes para os alunos, assim a diretora demonstra que há um foco no que o professor deve fazer. Já no caso da professora Mavê, vemos que apesar de se sentir livre para agir, ao dizer “LÓGico explicando que o livro não vai ser abandonado” a professora argumenta que precisa dar explicações sobre o que faz. Ressaltamos esses detalhes, não para contestar os professores, mas para evidenciar que apesar de tomarem decisões sobre o que fazem e como fazem, esses professores lidam também com prescrições que, às vezes, podem ser sutis e até imperceptíveis. Assim, como afirma Pérez (2014a), o professor não é totalmente livre, pois as prescrições estão presentes em sua atividade, podendo limitar suas escolhas e ações, o que mostra a característica impessoal do trabalho, que é desenvolvido hierarquicamente (MACHADO, 2006).

Outro aspecto similar nas duas entrevistas é o preenchimento dos diários de classe. Ambos os professores ressaltam que precisam preencher e que devem deixar os diários nas escolas quando estão terminando cada bimestre. O professor Henrique Eduardo menciona que a diretora o procura para dar instruções sobre o que deve ser preenchido e como preencher. Além disso, a professora Mavê também menciona que a coordenadora procura os professores para pedir que conversem com os alunos que possam estar demonstrando algum comportamento diferente, como mostra o fragmento 13.

Fragmento 13

SEMPRE a coordenadora chega pra conversar com a gente “(nome da professora) fale com ela” [...] inclusive semana passada houve um problema em casa com uma determinada aluna [...] e aí a coordenadora conversou comigo e disse “quando você tiver uma oportunidade que você vê que dá pra conversar com fulana converse com fulana” aí eu cheguei e conversei com fulana “você tá bem? percebi que você tá um pouco estranha o que foi que houve?” (Professora Mavê).

Esse fragmento ilustra o que as pesquisas acerca da prática docente têm discutido, isto é, o trabalho do professor não se resume à sala de aula e ao domínio de técnicas, como afirma Medrado (2012). O professor, muitas vezes, precisa lidar com questões que estão para além do que se espera, ou seja, questões que não estão diretamente relacionadas com a sala de aula. Sabemos que um professor de

Língua Inglesa precisa estar preparado para ensinar esta língua, lidar com as dúvidas e proporcionar um ensino que englobe seus diferentes alunos, mas o trabalho docente não para aí. Ao lidar com seres humanos de diferentes contextos, essa atividade exige muito mais do que apenas trabalhar com a língua, o que demonstra a característica conflituosa dessa atividade. É importante ressaltar também que isso não significa que o professor deva assumir o papel de psicólogo ou de alguém que está ali para resolver todos os problemas dos alunos. Assim, compreendemos que existe uma linha tênue entre o que um professor deve fazer e o que ele pode fazer. Essa característica nos remete aos alunos como instâncias prescritivas, que veremos a seguir.

4.1.2 Os alunos

Além do que já foi citado, os alunos também aparecem com sujeitos que prescrevem diretamente o trabalho docente. Na entrevista com o professor Henrique Eduardo temos um exemplo em que os alunos pediram para que o professor escrevesse no quadro a forma que se pronuncia as palavras em inglês, como podemos ver no fragmento 14.

Fragmento 14

é é aí o que acontece foi uma coisa que eles acabam/ *acho que todas as turmas pediram é todas as turmas pediram [...]*é: coisa de colocar como se pronuncia [...]que eles fazem “professor é que pra a gente já” *umas falaram* “professor é que a gente já é um pouco velho aí é melhor que é ruim de decorar é: *é bom que o senhor colocasse como se pronuncia* (**Professor Henrique Eduardo**).

Na entrevista o professor explica que costumava escrever as palavras no quadro e adicionava também a tradução, mas como vemos no fragmento 14, os alunos pediram também que o professor acrescentasse como eles poderiam pronunciar aquelas palavras, prescrevendo assim a forma como o professor utiliza o quadro e passa o conteúdo. Ao relatar essa característica de seu trabalho para o sócio o professor demonstra que isso é algo que deve ser feito, ou seja, o professor segue a prescrição feita pelos alunos.

Na entrevista com a professora Mavé os alunos não aparecem como sujeitos que prescrevem o trabalho tão diretamente como no caso do professor Henrique

Eduardo, mas vemos que a preocupação com os alunos e sua aprendizagem acabam também sendo decisivos no que é feito em sala de aula. Um exemplo disso é um aluno da professora Mavé que está passando por um processo de ser diagnosticado. As dificuldades desse aluno específico fazem com que a professora adapte sua prática para que sua aprendizagem não fique comprometida, como demonstra o fragmento 15.

Fragmento 15

...você precisa entender que em algumas situações ele NÃO vai compreender nada e você tem que ter TODA uma calma [...] pra no final da aula você sentar com ele e conversar [...] é você sempre vai chegar perto dele né sempre vai perguntar “(nome do aluno) tá dando certo? Você conseguiu?” e vai ter aula que ele vai tranquilo ali [...] ele vai acompanhar perfeitamente em outras aulas você vai ver que não funciona tão bem assim então QUANDO isso acontecer você vai tá sempre chegando [...] você vai explicar o que for necessário durante aquela aula mas se ao final da aula você ver que ele não conseguiu então dê uma dedicação melhor pra ele [...] você deixa um espaço pra ele e nesse/ quando isso acontece normalmente eu termino a aula mais cedo (Professora Mavé).

Observamos, então, que apesar de não ter pedido, esse aluno altera a forma como a professora age. Ao afirmar que quando percebe que ele não está acompanhando a aula, ela termina mais cedo com os demais alunos para poder conversar e explicar melhor o conteúdo para ele, a professora demonstra que esse aluno também é uma instância prescritiva, pois ela precisa se reorganizar para poder atendê-lo. Notamos também que ela não afirma que planeja isso com antecedência, ciente da condição de seu aluno, a professora Mavé toma esta decisão observando o aluno no decorrer da aula, ao perceber que ele precisa de ajuda e que os outros alunos já compreenderam o conteúdo. Poderíamos dizer, então, que essa atitude está no âmbito do realizado, a professora tem um planejamento, mas seu trabalho nem sempre é realizado exatamente como foi planejado.

Gostaríamos, também, de chamar atenção para como a Instrução ao Sósia nos evidencia essas prescrições advindas dos outros envolvidos na atividade docente. Ao instruir o sósia para assumir seu lugar o professor menciona os aspectos que considera relevantes na sua prática e por isso o sósia precisa estar ciente. Nos fragmentos já citados podemos observar que o exercício de instruir um sósia para assumir o seu lugar não é tão simples. Vemos, por exemplo, que o

professor Henrique Eduardo, durante quase toda a entrevista descreve sua atividade sem se dirigir a pesquisadora como sósia. Mesmo quando a pesquisadora se coloca na condição de sósia e pergunta o que deve fazer o professor diz o que ele geralmente faz como podemos ver no fragmento 16.

Fragmento 16

P: certo isso é o que vai acontecer sexta-feira?
 PE: isso é sexta-feira
 P: *o que eu vou fazer*
 PE: isso
 P: *eu escrevo isso no quadro?*
 PE: *geralmente eu faço o seguinte é: é eu uso mais o quadro porque o livro eu não tô pelo menos nessa aula eu não vou usar aí o que eu planejei pra usar nesse sexta é no quadro eu vou colocar tanto um pouco de vocabulário (Professor Henrique Eduardo).*

Podemos interpretar essa dificuldade para se dirigir ao sósia de diferentes maneiras. Compreendemos que esse é um exercício que exige um deslocamento do profissional, além de ser uma situação hipotética, assim, assumir esse papel de instrutor pode ser complexo para este professor. Observamos que a professora Mavé demonstrou mais facilidade para se referir à pesquisadora como sósia, como pode ser visto no fragmento 15, já mencionado. Dessa forma, entendemos que o exercício de Instrução ao Sósia possibilita uma visão do trabalho docente de uma perspectiva em que o professor interpreta seu trabalho (PÉREZ, 2014a) para então instruir o sósia.

Levando em consideração esses aspectos, observamos nas entrevistas que os alunos prescrevem a atividade desses professores. Além dos alunos, os pais desses alunos também aparecem como instâncias prescritivas na entrevista com a professora Mavé, como veremos a seguir.

4.1.3 Os pais dos alunos

Como afirma Medrado (2011), a discussão do trabalho docente deve contemplar todo o entorno da atividade educacional. Assim, observando o triângulo de Machado (2007) compreendemos que os pais dos alunos fazem parte desse entorno e aparecem no discurso da professora Mavé em um momento procurando ajuda dos professores para lidar com os filhos e, em outro momento, como

instâncias prescritivas. Quando questionada sobre a possibilidade dos pais irem até a escola para saber sobre os filhos, a professora diz:

Fragmento 17

acontece acontece saber como o aluno tá pra pedir conselho do que pode fazer com esse aluno porque às vezes ele tá perturbando muito em casa alguma coisa e os alunos escutam muito pelo menos NEssa escola eles escutam muito a gente talvez por essa relação de carinho (Professora Mavé).

Vemos então que os pais entram em contato com os professores em busca de ajuda para solucionar problemas pessoais com os filhos. Mais uma vez, como mencionado na seção anterior, a professora precisa lidar com questões que estão para além da sala de aula. Esses pais também prescrevem o trabalho dessa professora, como podemos ver a seguir:

Fragmento 18

porque é uma cobrança que a gente tem em sala e muitas vezes os pais eles questionam porque que você não trabalhou o livro didático mesmo sabendo que o conteúdo foi trabalhado ele quer que você trabalhe o livro (Professora Mavé).

Fragmento 19

vai ter um momento que você vai ter que usar atividades do livro pra casa porque os pais cobram também existe muito essa cobrança (Professora Mavé).

Dessa forma, compreendemos que os pais têm voz ativa na escola e que o fato de cobrarem para que o livro didático seja usado faz com que isso aconteça. Fica claro no discurso da professora que um dos fatores decisivos para se usar o livro é a cobrança dos pais.

Além disso, percebemos que a comunicação com a coordenação também leva em consideração os pais dos alunos. Ao falar sobre a troca das aulas com os demais professores, a professora Mavé ressalta que após conversarem entre si, os professores passam as informações para a coordenação, para que estes fiquem cientes do que está acontecendo caso algum pai vá até a escola questionar as

mudanças. Esse fato ilustra o argumento de Bueno (2007) de que as prescrições podem ser internas ou externas a instituição.

O livro didático aqui mencionado também aparece como instância prescritiva, como veremos na seção seguinte.

4.1.4 O livro didático

O livro didático aparece de maneira diferente nas duas entrevistas. Na entrevista com o professor Henrique Eduardo, o livro não aparece como uma instância prescritiva. Quando questionado sobre o uso do livro o professor ressalta que os alunos recebem livros e o levam para sala de aula, mas o livro é usado mais como um suporte, como podemos ver no fragmento 20.

Fragmento 20

*e é bom pra pra o livro pra alguns suportes por exemplo é quando eu tava praticando em aulas passadas por exemplo perguntar e responder sobre idade [...] aí “pessoal é assim que a gente fala e responde qual a sua idade” só que tem a questão do número aí se eu fosse repassar tudo com eles de vários números seria uma pouco assim seria muita coisa pra escrever aí eu já/ *você pode usar o livro já como suporte pra isso* assim “ó em tal página tem uma tabelinha com os números pra caso vocês queiram copiar como é a idade de vocês tem no livro página tal” *aí eu uso assim pelo menos pra esse tipo de suporte* **(Professor Henrique Eduardo)**.*

O professor deixa claro que o livro é utilizado apenas como um suporte, porém, é importante ressaltar que o professor Henrique Eduardo se encontra em um contexto onde precisou adaptar os conteúdos a serem ministrados, pois iniciou as aulas faltando pouco tempo para o final do ano letivo. Já na entrevista com a professora Mavé, vemos que o uso do livro é prescrito pela escola e pelos pais, como mostra o fragmento 21.

Fragmento 21

como as escolas cobram bastante essa coisa do livro é interessante por mais que você trabalhe dinâmica você não deixar o livro escapar você VAI pra parte do livro que fala sobre isso trabalha esse conteúdo na página que ta relacionada traz o áudio que for preciso que tem no livro também **(Professora Mavé)**.

Vemos aqui que a professora argumenta que as escolas cobram o uso do livro, ao usar o plural a professora demonstra que essa cobrança não é algo que acontece apenas nessa escola específica. No decorrer da sua entrevista a professora deixa claro que o livro precisa ser todo utilizado porque “a escola exige que seja cumprido todo porque os pais batem em cima”, assim, compreendemos que essa é uma prescrição que parte tanto dos pais quanto da escola. Além disso, a professora menciona que a forma como divide os alunos para elaborar as atividades depende do conteúdo, que por sua vez é parte do livro didático. Assim, compreendemos que o livro atua também como instância prescritiva no trabalho dessa professora.

Diante dessas prescrições, a escola e seus funcionários, os alunos, os pais dos alunos e o livro didático, os professores precisam então buscar formas de agir, seja seguindo o que lhes é prescrito, resignificando ou até ignorando e realizando sua atividade a partir do que acreditam.

Identificamos o que exigem desses professores, na seção seguinte analisaremos como esses professores agem frente a essas prescrições.

4.2 O que isso exige dele: Analisando como os professores lidam com as prescrições

Percebemos que as prescrições do trabalho docente desses professores envolvem objetivos e regras, assim, “a atividade do professor dirige-se não apenas aos alunos, mas também à instituição que o emprega, aos pais, a outros profissionais” (AMIGUES, 2004). Podemos observar que, sendo uma atividade situada, ou seja, recebendo influência do contexto (MACHADO, 2007), o trabalho docente desses professores exige que eles lidem com questões que nem sempre podem controlar como o próprio professor Henrique Eduardo menciona como podemos ver no fragmento 22.

Fragmento 22

o que acontece muito no eja é coisa de evasão [...] por exemplo ontem mesmo um aluno veio falar comigo dizendo que não poderia mais é:: assistir aula porque mudaram o horário dele no trabalho [...] são coisas que vão acontecer sem que você não tem controle sobre isso (Professor Henrique Eduardo).

Vemos que o professor compreende que sua atividade é atravessada por outros, e que por isso precisa adaptar-se para poder agir. Notamos outro exemplo dessa consciência do professor quando ele afirma que precisa levar em consideração as realidades de seus alunos e agir de maneira que não os desmotive (cf. fragmento 06). Desse modo, entendemos que a atividade do professor é conflituosa, pois além de lidar com os demais indivíduos, o professor precisa fazer escolhas frente ao que lhe é prescrito (MACHADO, 2007).

Observamos também que ao se deparar com o pedido dos alunos para escrever no quadro a forma como as palavras são pronunciadas (cf. fragmento 14), o professor Henrique Eduardo mostra-se surpreso, o que demonstra que essa é uma característica de seu trabalho que ele não imaginava, mas passa a esquematizar no quadro o pedido dos alunos. Assim, o professor, neste momento, adapta-se a prescrição dos alunos, repensando as necessidades destes. Essa atitude reforça o argumento de Araújo (2014) de que o professor é “constantemente impelido a repensar o ensino, para poder adaptar-se às novas demandas” (p. 26). Esse aspecto também nos faz perceber que ao reconsiderar o ensino o professor amplia seu conhecimento acerca da prática docente, como podemos ver no fragmento 23.

Fragmento 23

eu não tenho essa é muito essa noção é como eu sou professor assim recente eu acabei de... *eu não tenho muito essa noção de da importância de copiar* [...]quer queira quer não a gente quando tá estudando é be::m dependente entre aspas de escrever coisas [...]de copiar o assunto [...]e: *eu lembro que no começo eu eu tentava ficar muito nessa parte de pronúncia interação e não funcionava* tão bem porque eles queriam alguma coisa pra escrever eles queriam tipo assim uma coisa concreta [...]é *aí eu percebi que era importante escrever* mesmo que tome um tempinho da aula é importante pra eles assim escrever tipo pra deixar registrado que tá que eles copiaram alguma coisa **(Professor Henrique Eduardo)**.

O professor argumenta que por estar atuando na área há pouco tempo não compreendia a importância de copiar, porém ao notar que focar apenas na interação não estava funcionando com sua turma, o professor, a partir da necessidade dos alunos, percebe a necessidade de copiar o conteúdo. Dessa forma, vemos que para agir de maneira eficaz o professor precisa entender o contexto em que está inserido, assim como as características e necessidades de seus alunos.

Nesta linha, identificamos que ao adaptar-se às demandas, a professora Mavé demonstra compreender que os pais são uma instância prescritiva do seu trabalho. A professora ressalta que os pais cobram o uso do livro e por isso ela precisa usá-lo, como podemos ver no fragmento 24.

Fragmento 24

Você já trabalhou já trouxe esse conhecimento prévio deles você já desenvolveu isso com eles você viu que a turma tá interagindo com isso aí então você PODE já lançar exatamente o que você quer *como as escolas cobram bastante essa coisa do livro* é interessante por mais que você trabalhe dinâmica *você não deixar o livro escapar você VAI pra parte do livro que fala sobre isso* trabalha esse conteúdo na página que tá relacionada traz o áudio que for preciso que tem no livro também [...] porque é uma cobrança que a gente tem em sala e muitas vezes os pais eles questionam porque que você não trabalhou o livro didático [...] ele quer que você trabalhe o livro [...] *então pra você não dizer que não trabalhou o livro você TRAZ essa ideia do livro (Professora Mavé).*

Acreditamos que a professora reconhece a prescrição de utilizar o livro didático como algo que deve fazer, pois ao falar sobre o uso do livro ressalta a cobrança dos pais, e segue o que lhe é prescrito. No entanto, ela deixa claro que não utiliza apenas o livro, iniciando com outras atividades e depois realizando algumas atividades do livro, ou seja, ela adapta a prescrição para agir da forma que considera melhor, como podemos ver no fragmento 25.

Fragmento 25

eu tento trabalhar o meio termo eu trabalho o livro mas eu vou ser bem sincera a lhe dizer se eu ver que tem um conteúdo que ao invés de ajudar vai prejudicar que muitas vezes acontece isso [...] se ISSO acontecer eu vou cortando (Professora Mavé).

Observamos, então, que essa prescrição é modificada pela professora. Amigues (2004) argumenta que há uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho realizado. Compreendemos que essa distância pode ter diferentes causas, nesse caso, vemos que a professora, partindo do que acha melhor para sua turma, reformula a prescrição. Chamamos atenção para o fato de a professora ter relatado que para agir de forma mais autônoma, conversou com a coordenação e explicou a maneira que gostaria de realizar seu trabalho, como pode ser visto no fragmento 26.

Fragmento 26

foi um aCORdo entre aspas bem grande que eu fiz com uma das coordenadoras [...] EU sentei com ela quando foi o início do ano peguei o material e disse “ó é: *eu queria saber se eu posso trabalhar dessa forma* eu NÃO vou deixar de trabalhar o livro eu vou trabalhar o livro só que eu vejo que é prejudicial pro aluno fazer dessa maneira de trabalhar o Livro inteiro de capa a capa folha por folha exercício por exercício e não saber realmente se o aluno compreendeu a essência **(Professora Mavé)**.

Vemos que a professora, diante de uma prescrição, decidiu posicionar-se para que então pudesse ampliar seu agir. É importante ressaltar que a professora continuou seguindo a prescrição de usar o livro, mas modificou o que lhe foi prescrito a *priori*. Dessa forma, entendemos que a professora, ciente da prescrição que precisa seguir, observa sua prática como atividade que pode ser reelaborada. Ao buscar outras maneiras de realizar o que lhe é prescrito ela assume uma posição autônoma com relação a sua atividade, visando colocar em prática suas convicções acerca do ensino.

No decorrer das entrevistas podemos notar que para ambos os professores a prioridade são os alunos. Quando questionada sobre considerar o conhecimento prévio dos alunos em sala de aula, a professora Mavé diz:

Fragmento 27

SEMPRE sempre sempre isso aí é indiscutível sempre sempre sempre sempre porque como é que eu vou saber o que eu vou trabalhar com o aluno se eu não sei o que é que ele sabe e o que ele não sabe [...] SABER o que ele tem de conhecimento pra aí você ir distribuindo **(Professora Mavé)**.

Vemos que para a professora é essencial que o conhecimento prévio dos alunos seja levado em consideração para que possam realmente aprender. Para tanto, a professora permanece o tempo que for necessário em uma unidade, evitando deixar dúvidas para os alunos. Essa característica da professora fica ainda mais clara em sua resposta no questionário aplicado, ao dizer que um aspecto da que considera indispensável para sua prática é se “colocar no lugar do aluno e a partir daí entender como (ela) gostaria de aprender”. Compreendemos que para professora Mavé a sua experiência como aluna influencia sua prática, pois ela afirma que uma de suas maiores preocupações é saber se os alunos “compreenderam

saber se realmente o conteúdo foi bem passado saber se realmente ficou alguma dúvida”, ela justifica isso dizendo que muitas dúvidas que tinha, quando aluna, não foram sanadas e por isso ela busca fazer diferente em sua sala de aula.

O professor Henrique Eduardo também prioriza a realidade dos seus alunos ao pensar sua aula, como podemos ver no fragmento 28.

Fragmento 28

eu achei melhor ser fazer umas aulas assim mais reais possíveis entre aspas de de nivelar com o que eles ainda não sabem e o que eles podem acabar utilizando [...] e que eu acho que é uma coisa importante pra principalmente pra não só pra eja mas é importante pra eja é porque tem que ter assim tem que contextualizar assim eles têm que ver que é uma coisa interessante e que eles acabem podendo usar no dia-a-dia [...] que faça sentido pra eles (Professor Henrique Eduardo).

O professor afirma que ao escolher o conteúdo a ser estudado considerou a realidade dos alunos, buscando algo que fizesse sentido para eles. Sabemos que esse é um aspecto importante para o professor, pois em seu questionário, ao responder que aspecto da graduação ele considera indispensável para sua prática docente o professor afirma:

Fragmento 29

acho que o que ficou bem marcado da graduação em mim foi da importância de contextualizar o ensino/aula à realidade do aluno. Que deve haver sentido e importância o que vamos trabalhar/passar da língua em sala de aula (Professor Henrique Eduardo).

Assim, podemos compreender que essa valorização do conhecimento do aluno é algo que vem da graduação. Como integrantes do mesmo currículo na graduação, sabemos que essa é uma questão amplamente discutida no decorrer do curso, que, como podemos ver, se estende à prática. Logo, observamos a relevância das discussões promovidas durante a graduação e por isso defendemos que este seja um espaço em que a relação e a reflexão entre teoria e prática estejam em destaque, não apenas nas disciplinas de Estágio Supervisionado, mas durante todo o curso. Desse modo, o professor em formação inicial tem a oportunidade de compreender o caráter complexo do trabalho docente, preparando-se para o que irá

encontrar e conscientizando-se de que nunca estamos totalmente prontos para sermos professores, pois essa é uma atividade que exige mudanças e adaptações, assim, precisamos nos reinventar a cada passo dado, reelaborando o nosso agir para alcançar nossos objetivos.

Nessa linha, vemos que, ao dizer sim para o pedido da diretora e/ou inspetor e juntar as turmas o professor Henrique Eduardo precisa reelaborar sua atividade. Ao juntar as turmas, que podem ser de níveis diferentes, o professor, a princípio, diz que tentaria contemplar um conteúdo que já tivesse sido visto por uma das turmas, como pode ser visto a seguir.

Fragmento 30

caso junte é: nesse caso por exemplo digamos que esse essa aula que eu lhe falei vai ser a do quatro b do quatro a eu poderia ficar nesse mesmo assunto porque eu não teria trabalhado isso ainda com quatro a [...] e é um assunto acessível pra pra ambas as turmas aí nesse caso não teria problema de assim continuar o planejado de dar essa aula nesse caso (Professor Henrique Eduardo).

No entanto, quando questionado sobre a possibilidade de ser outra turma e ser necessário mudar o assunto na hora, o professor diz:

Fragmento 31

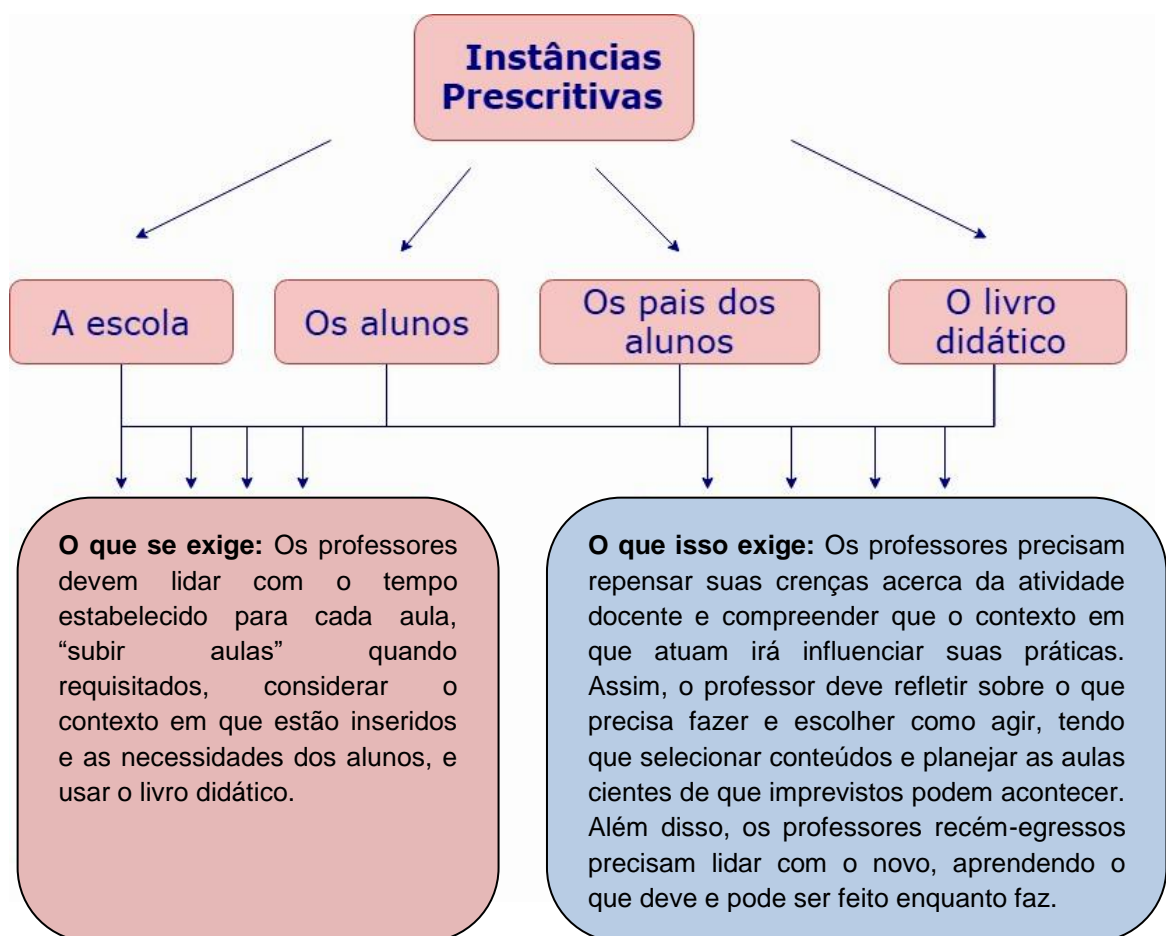
é dependendo da outra turma podia voltar pro assunto pra que fosse algum tipo de revisão de alguma aula que a gente já teve (Professor Henrique Eduardo).

Assim, vemos que ao seguir a prescrição e juntar as turmas, o professor precisa, na hora da aula, alterar o que havia planejado, demonstrando, mais uma vez, a distância entre o prescrito e o realizado. Compreendemos então que há diversas situações na atividade docente que não podem ser previstas, o que exige que o professor lide com o inesperado. Essa característica imprevisível do trabalho docente, que também aparece na entrevista com a professora Mavé (cf. fragmento 15), faz com que o professor, ao planejar sua aula, leve em consideração que a qualquer momento algo pode acontecer e fazer com que ele precise reorganizar o que tinha preparado. Desse modo, entendemos que devido à imprevisibilidade que permeia a atividade docente, o professor dificilmente pode se preparar para lidar

com todas as situações que podem ocorrer dentro e fora da sala de aula, no entanto, ele precisa estar ciente da possibilidade de ter que reformular o que planejou.

Levando em consideração os exemplos aqui mencionados, entendemos que os professores Henrique Eduardo e Mavé, ambos graduados no mesmo período, precisam agir frente a diversas prescrições, e embora possamos observar aspectos similares em como eles caracterizam suas ações, também conseguimos notar que a professora Mavé, que já atuava durante a graduação, demonstra uma relação mais independente das prescrições, questionando e buscando agir de acordo com o que pensa ser melhor para seus alunos. A análise aqui realizada está sintetizada no Quadro 02 a seguir.

Quadro 02 – Síntese da análise



Sendo assim, acreditamos que os professores recém-egressos ressignificam as prescrições que fazem parte de suas atividades e agem de maneira a adaptá-las

para realizar o que devem e querem fazer. A seguir apresentaremos nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, através desse estudo, investigar o trabalho docente de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba compreendendo suas motivações para agir.

Para orientarmos nossas reflexões finais sobre a investigação aqui elaborada, retomaremos as perguntas de pesquisa que visamos responder nesse trabalho.

1. Quais instâncias prescritivas surgem no discurso de dois professores recém-egressos do curso de Letras-Inglês da UFPB?
2. Como essas instâncias influenciam o agir desses professores?

Por meio da entrevista de Instrução ao Sósia conseguimos identificar como instâncias prescritivas do trabalho desses professores: a escola, os alunos, os pais dos alunos e o livro didático. A escola e os que ocupam esse espaço aparecem como forte instância prescritiva no trabalho desses dois professores, mas é importante notar que os alunos também surgem como sujeitos que prescrevem. Chamamos atenção para esse fato para ressaltar que o aluno e suas necessidades, como tanto discutimos na graduação, são o foco desses professores recém-egressos. Sendo assim, é interessante observar que eles também são instâncias prescritivas e que cabe ao professor decidir como lidar com suas prescrições.

Observamos que os professores adaptam-se às prescrições que lhes são feitas, buscando a melhor maneira de realizar suas atividades. Percebemos que na condição de recém-egresso, o professor Henrique Eduardo ressalta, algumas vezes, que está iniciando na atividade docente, justificando assim algumas de suas atitudes. É interessante observar que a professora Mavé, por outro lado, não menciona essa característica em sua entrevista, apesar de ambos terem se formado no mesmo período. Ressaltamos esse fato para retomar uma discussão que iniciamos no capítulo teórico deste trabalho. Argumentamos que a formação inicial não deve dissociar a teoria da prática, pois ambas precisam uma da outra, assim, chamamos atenção para o fato do professor Henrique Eduardo só ter iniciado na atividade docente depois de terminar a graduação, enquanto a professora Mavé já atuava na área no decorrer do curso. Pudemos notar na entrevista que a professora

Mavé questionou algumas prescrições diretamente, propondo para a coordenadora e colegas de trabalho outra forma de agir. Essa discussão nos possibilita refletir sobre o papel da formação inicial. Acreditamos que projetos que promovam o contato de graduandos com a prática da Educação Básica só têm a agregar positivamente, pois o contato com a *práxis* e com as diferentes formas de agir promovem a reflexão e expansão da noção de trabalho docente que cada graduando traz consigo.

Além disso, chamamos atenção para a entrevista de Instrução ao Sósia, que nos possibilitou o acesso às informações aqui discutidas. Considerando nossa experiência, acreditamos que a entrevista de Instrução ao Sósia é um exercício complexo que exige que tanto o sósia quanto o instrutor se coloquem em uma situação hipotética. Pudemos observar que durante diversos momentos o professor Henrique Eduardo apenas descreveu o que faz, sem necessariamente instruir o sósia sobre o que devia ser feito. Já a professora Mavé, que tem um tempo maior de experiência na área, instrui o sósia com mais facilidade, dizendo o que deve ser feito e ao que o sósia deve estar atento. Assim, através das entrevistas conseguimos notar que, de certa forma, a experiência dos professores interferiu em como eles lidaram com o instrumento. Além disso, percebemos que para a pesquisadora distanciar-se e assumir o papel de sósia também não foi simples. Percebemos que em algu

Levando em consideração os trabalhos aqui discutidos, notamos que a análise do trabalho docente possibilita não apenas a compreensão da prática docente como atividade situada e complexa, mas também gera reflexão acerca desta atividade. Assim, notamos que a imprevisibilidade do trabalho docente precisa ser considerada e discutida pelos envolvidos nessa atividade, para que possamos assim compreender as exigências da prática docente, que, como vimos, são decorrentes do contexto em que o professor está inserido.

Refletindo sobre o trabalho desses professores, observamos que as características atribuídas a essa prática não podem ser deixadas de lado nas discussões atuais. Precisamos estar cientes da complexidade do trabalho do professor e acreditamos que as pesquisas, tanto no âmbito da formação inicial quanto da formação continuada, são extremamente relevantes e necessárias para

que continuemos avançando como sociedade. É necessário que os professores tenham espaço e investimento para que compartilhem experiências e assim ampliem os conceitos acerca da atividade docente.

REFERÊNCIAS

- AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel. (Org.). **O Ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: Edue, 2004, p. 36-53.
- ARAUJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de. **O professor de língua inglesa no ensino médio: normas, práticas e reflexões à luz do interacionismo sociodiscursivo**. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.41-58
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano**. Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. (orgs.) Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006, p. 203-223.
- BUENO, Luzia. **A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio**. 2007. 220 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, [1999] 2007.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa 3.ed. porto Alegre, 2009.
- GIMENEZ, Telma Nunes; CRISTOVAO, Vera Lúcia Lopes. **Derrubando paredes e construindo pontes: formação de professores de língua inglesa na atualidade**. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte , v. 4, n. 2, p. 85-95, 2004 .
- GOULARTE, R. S. ; GATTO, V. B. . **O método Instrução ao sócia (IAS) na pesquisa sobre o Trabalho Docente**. Linguagens & Cidadania , v. 15, p. 01-16, 2013.
- LOUSADA, Eliane. Os pequenos grandes impedimentos da ação do professor: entre tentativas e decepções. In: MACHADO, Anna Rache (Org.) **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: Edue, 2004, p. 271-296.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Anna Rachel. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia (Orgs). **O Interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007, p. 77-97.

MEDRADO, Betânia Passos. Compreensão da docência como trabalho: Reflexões e pesquisas na/da Linguística Aplicada. In: MEDRADO, Betânia Passos; PÉREZ, Mariana (Org.). **Leituras do agir docente: A atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva**. Campinas: Pontes, 2011. p. 21-36.

_____. Tornando-se professor: a compreensão de graduandos em Letras sobre a atividade educacional. In: MEDRADO, B.P ; REICHMANN, C. L.. (Org.). **Projetos e Práticas na Formação de Professores de Língua Inglesa**. 01ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, v. 01, p. 151-169.

PÉREZ, Mariana. **Construindo sentidos sobre o agir docente: O uso da Instrução ao Sósia na formação inicial do professor de língua inglesa**. 2014. 200 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014a.

_____. Problematizando a relação teoria-prática na formação do professor de língua estrangeira. In: **II Colóquio Internacional de Pesquisas em Ensino Superior: formação de professores e ensino por competências**, 2014, João Pessoa. **II Colóquio Internacional de Pesquisas em Educação Superior**, 2014b. v. 1. p. 1-20.

PIMENTA, S.G. & LIMA, M.S. Estágio e Docência: Diferentes Concepções. **Poíesis Pedagógica**, 3(3 e 4), 5-24. 2006.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Professor(a)

Esta pesquisa é sobre o trabalho docente representado por professores recém-formados de Língua Inglesa e está sendo desenvolvida por Raphaela Alves de Lima Lira, aluna do Curso de Graduação em Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Betânia Medrado.

O objetivo deste estudo é compreender representações de alunos recém-formados sobre o trabalho docente. Dessa forma, esperamos contribuir com discussões e análises acerca do trabalho docente.

Solicitamos a sua colaboração para gravar uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e em artigos. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Sua participação pode ser suspensa a qualquer momento caso decida não participar do estudo, não havendo dano algum em decorrência disso.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora: raphaelaalvs@hotmail.com

Atenciosamente,

Raphaela Alves de Lima Lira

APÊNDICE B – Questionários

Questionário 01

Perfil do(a) Professor(a)

Este questionário tem por objetivo coletar informações para sua caracterização na pesquisa.

Faixa Etária

- () 18 - 20 anos
- () 20 - 25 anos
- (x) 25 - 30 anos
- () 30 anos ou mais

Letras é a sua primeira graduação? Em caso negativo, que outra graduação você fez?

Primeira graduação que finalizei sim.

Em que ano/período iniciou a graduação em Letras?

2014.1

Em que ano/período terminou a graduação em Letras?

2017.2

Você já atuava na área durante a graduação?

- () Sim
- (x) Não

Em quais níveis de ensino você já lecionou? E por quanto tempo?

Comecei a lecionar pouco depois que concluí o curso de Letras Inglês. Comecei no final de outubro de 2018 em duas escolas diferentes.

Você participou de projetos de docência durante a graduação? Em caso afirmativo, quais?

Projeto diretamente voltados pra sala de aula como o PIBID não. Único projeto que participei foi de extensão, que lida o desenvolvimento pedagógico/profissional de professores em formação e professores em exercício.

Como você avalia a relevância da participação em projetos na sua graduação?

Como o projeto que citei acima trabalha com a ideia tanto de professores em formação como os em atividade, me ajudou bastante conhecer professores já em atividade compartilhando as experiências que tiveram/têm no ensino.

Que aspectos da sua formação acadêmica você considera indispensáveis para a sua prática docente? Por quê?

Acho que o que ficou bem marcado da graduação em mim foi da importância de contextualizar o ensino/aula à realidade do aluno. Que deve haver sentido e importância o que vamos trabalhar/passar da língua em sala de aula.

Como prefere ser chamado(a) no contexto dessa pesquisa? Escolha um codinome para ser identificado.

Henrique Eduardo

Questionário 02

Perfil do(a) Professor(a)

Este questionário tem por objetivo coletar informações para sua caracterização na pesquisa.

Faixa Etária

() 18 - 20 anos

() 20 - 25 anos

(x) 25 - 30 anos

() 30 anos ou mais

Letras é a sua primeira graduação? Em caso negativo, que outra graduação você fez?

Direito.

Em que ano/período iniciou a graduação em Letras?

2008.1

Em que ano/período terminou a graduação em Letras?

2017.2

Você já atuava na área durante a graduação?

(x) Sim

() Não

Em quais níveis de ensino você já lecionou? E por quanto tempo?

Fundamental I (1 ano até agora)

Fundamental II (1 ano até agora)

Escola de Idiomas (2 anos)

Ensino médio (6 meses até agora)

Você participou de projetos de docência durante a graduação? Em caso afirmativo, quais?

Sim, na CPA - UFPB (PESQUISA DE QUALIDADE DOS CURSOS DA UFPB)

Como você avalia a relevância da participação em projetos na sua graduação?

Me ajudaram a trabalhar de forma mais dinâmica, participativa e coletiva.

Que aspectos da sua formação acadêmica você considera indispensáveis para a sua prática docente? Por quê?

Me colocar no lugar do aluno sempre e a partir daí entender como eu gostaria de aprender.

Como prefere ser chamado(a) no contexto dessa pesquisa? Escolha um codinome para ser identificado.

Mavé

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

Entrevista 01

Transcrição da entrevista com o professor Henrique Eduardo

Duração do sósia: 42 minutos – Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Ocorrências	Sinais
1. Indicação dos falantes	P: pesquisadora PE: professor entrevistado
2. Pausas	...
3. Ênfase	maiúsculas
4. Alongamento de vogal	: (pequeno) :: (médio) ::: (grande)
8. Discurso reportado	" "

P: suponha que eu seja seu sósia e que vou lhe substituir sexta-feira/ que informações eu preciso saber para que ninguém perceba essa substituição?

PE: então é:: as aulas lá na escola iniciam às seis e meia/ que é o turno da noite eu sempre gosto de chegar uns vinte minutos antes porque eu sou um... qualquer coisa que eu faça eu gosto de chegar um tempo antes pra pegar diário e:: pensar um pouquinho e planejar as coisas

P: certo

PE: logo a:: a primeira coisa que eu faço é ir na coordenação

P: certo

PE: pegar os diários de classe pra as chamadas as coisas assim os negócios

P: eles ficam na coordenação

PE: É

P: você não leva pra casa?

PE: não não levo eles ficam na secretaria tem a secretaria e a diretoria aí eu vou na na secretaria e pego os diários é::

P: você/ falo com alguém pra pegar

PE: geralmente tem

P: ou fica em algum armário?

PE: geralmente tem algumas pessoas a secretaria tem duas pessoas se eu não me engano e:: como já me conhecem eu não preciso eu não preciso “ó vou pegar” essa coisa acho que já virou automático eu chego lá dou boa noite e busco os diários

P: certo

PE: aí no caso essa aula que eu que você vai me substituir é::: é a primeira a primeira vai ficar co:m o ciclo quatro b só pra

P: o ciclo quatro B é o quê?

PE: contextualizar é por exemplo é o eja lá a educação de jovens e adultos e eu tenho quatro turmas são o ciclo três a três b quatro a e quatro b que são respectivamente de sexto a nono ano do ensino fundamental

P: certo

PE: aí:: pronto a primeira aula é com esse quarto b que é o digamos o mais avançado entre eles

P: uhum

PE: é:: uma coisa que eu meio que combinei com todas as turmas eu combinei com todas mas nem todas fazem é que agora pra quando eu chego ou saio da sala a gente sempre tentar se saudar em inglês

P: certo

PE: é aí é interessante porque sempre tem uns que querem falar tipo assim mostrar “professor tal goodevening” não sei o quê lá e tem uns que ficam com vergonha aí as vezes acon... mas é legal que as vezes acontece de eu mesmo dou boa noite e ele falam “profesSOR o senhor eRROU”

P: ahh

PE: é: aí eu “é verdade como que eu falo?” aí falo já pra dar aquela puxadinha neles sabe?

P: ah certo legal

PE: é::

P: mas antes de você ir pra sala quando você pega os diários na secretaria é: eu vou pra onde? eu devo ir pra onde? eu devo ir pra sala dos professo:res?

PE: ah verdade você é vai pra sala dos professo:res eu deixo minha bolsa lá minhas coisas lá fica um tempinho na sala dos professo:res aí

P: vai ter vão ter outros professores lá? Eu devo conversar com alguém?

PE: geralmente sim tem sempre alguém

P: eu devo conversar com alguém ou

PE: eu só eu só fico no boa noite mesmo como estão as coisas e sempre tem aquelas conversas do cotidiano “tá calor” essas coisas bem

P: eu devo responder?

PE: pode responder

P: certo (risos)

PE: (risos) como eu sou novo eu tento ser bem educado assim

P: ah certo

PE: eu eu converso com eles

P: certo certo

PE: é::

P: e vai ter algum toque indicando que eu devo ir pra sala?

PE: vai sempre tem toques assim não é um toque cronometradozinho pontualmente acho que é o o inspetor mesmo que que toca por isso que as vezes no começo eu fiquei meio confuso porque as vezes começava mais cedo a aula as vezes começava antes

P: ah

PE: eu “esse relógio não tá muito certinho” mas é ele que ele que meio que controla acho que todas as escolas são assim aquele barulhinho lá é controlado pelo inspetor

P: certo

PE: aí toca:: toca: o: o sinal e já vai pra sala GEralmente é:: as primeiras aulas não são tão cheias porque: o como tem a maioria são pessoas adultas é: eu já falo disso é::: tem muita gente que chega ou tá trabalhando ou tem outras responsabilidades e acaba chegando um pouco atrasado

P: certo e eu devo deixar essas pessoas entrarem?

PE: tranquilo é tem que é tem que acho que ahn... o ambiente de eja a gente tem que fazer assim o mínimo possível pra desmotivar porque imagina você chega na sala você passa o dia trabalhando ou então passou o dia cuidando do filho aí vai estudar aí chega aí fica o professor “ei você chegou atrasado” sem saber sua história

P: uhum

PE: acho que é meio confuso

P: certo

PE: não é legal isso sim aí aproveitando pra falar essa coisa do ambiente e da turma é:: as todas as salas que eu dou a média de idade assim o range de idade é bem diferente tem gente de dezoito anos como tem gente de cinquenta e pouco sessenta e pouco eu acredito

P: certo

PE: é uma coisa bem assim bem... tem de todos os estilos de todos os modelos de pessoas na sala

P: tem alguma ahn... assim eu vou ter que saber de alguma coisa específica pra lidar com essa diferença? tem alguma coisa específica ou é tranquilo?

PE: não o interessante dessa turma é que eles são be:m tranquilos são bem assim gente boa apesar da diferença de idade eles são bem receptivos não ficam sei lá... calados assim introvertidos demais sem querer falar com você todo mundo... dá uma interaçãozinha se você “ó gente vamos repeTIR?” aí no começo eu falo alguma coisa em inglês “vamos repetir?” aí ficam com vergonha “vamos lá pessoal é assim ó tarará” eles eles repetem eles tem essa essa coisa de interagir obviamente tem uma ou duas meninas que são um pouco mais tímidas

P: uhum

PE: aí falam “não professor é muito difícil” mas... só é só falar com um pouco mais de jeito que que

P: no caso eu devo insistir? Caso elas alguém não queira participar eu devo insistir?

PE: é nessa turma é tranquilo

P: certo

PE: e tem uns que até gostam dessa dessa insistência porque é tipo assim eu tô dando atenção a essa pessoa aí ela “ahh” aí repete aí fica se achando tipo capaz de fazer é interessante isso logo tinham outras turmas tinha um pessoal que tipo nem gosta nem quer repetir aí fica “não professor não quero” aí você nem... mas essa turma é a acredito que seja uma das mais tranquilas dessas dessas quatro

P: certo

PE: é:: sim das idades eu já falei que é sobre que tem dezoito a sessenta e pouco

P: uhum

PE: geralmente como eu cheguei é que eu cheguei BEM no final do ano nessa nessa escola fui chegar só em novembro em novembro é: aí eu não tive assim não

tenho muito tempo pra me aprofundar nos assuntos como eu gostaria de de aprofundar aí o que eu meio que combinei com eles “pessoal como vocês passaram muito tempo sem sem professor de inglês praticamente o ano todo acho que mais assim vários meses sem professor de inglês eu vou começa:r a fazer começar com coisas be:m bem assim básicas digamos entre aspas coisas assim a importância de se apresenta:r e falar sobre você mesmo e perguntar a um amigo o que ele gosta o que você gosta”

P: sei

PE: eu eu/ a gente definiu um um pequeno assunto uma pequena lista de assuntos que eu queria uma coisa que que que motivasse eles acredito que se a gente ficasse focado muito no livro e em coisas sem contexto é uma coisa assim bem seria maçante pra eles né que eles não...

P: certo então assim a a os assuntos foram definidos por vocês?

PE: é assim eu eu defini mais eu defini mais uma coisa assim o básico de como se comunicar como se apresentar e comunicar as coisas mais básicas assim ao redor de você

P: uhum

PE: que é por exemplo você seu nome sua idade seus gostos suas preferências é um pouco de família essas coisas assim mais perto de você alguma coisa que você TALvez acabe usando no dia-a-dia por exemplo

P: certo entendi e aí quando/ já tinha um livro né?

PE: já tinha um livro

P: mas aí quando você escolheu esse assunto teve que comunicar a alguém

PE: não

P: da secretari:a?

PE: a diretora me deu liberdade por exemplo como eu cheguei bem no final da aula bem no final do ano eu não poderia simplesmente ir lá pros últimos capítulos do do do tex...

P: do livro

PE: do livro porque provavelmente estaria falando coisas bem mais assim bem mais avançadas

P: certo

PE: do que eles tinham estudado que eles sabiam no momento aí eu achei melhor ser fazer umas aulas assim mais reais possíveis entre aspas de de nivelar com o que eles ainda não sabem e o que eles podem acabar utilizando

P: uhum

PE: e que eu acho que é uma coisa importante pra principalmente pra não só pra eja mas é importante pra eja é porque tem que ter assim tem que contextualizar assim eles têm que ver que é uma coisa interessante e que eles acabem podendo usar no dia-a-dia

P: uhum

PE: que faça sentido pra eles não tem pra quê chegar lá e falar “pessoal vamos fazer revisão de números” e falar um monte de números se eles não vão assim utili... não vão usar um monte de números no dia-a-dia

P: uhum certo

PE: aí eu achei melhor me planejar dessa maneira pra assim animasse eles e ficasse interessante

P: certo então: o sexta-feira quando eu tiver na sala dos professores vai tocar e eu vou pra sala

PE: isso

P: certo? quando eu chegar na sala é os alunos já vão tá na sala vão tá pelos corredores?

PE: alguns sim é tem alguns que chegam atrasados

P: certo aí eu entro na sala e falo com eles em inglês

PE: é assim o boa noite é inglês já pra

P: certo

PE: dá uma animadinha neles

P: e aí o que é que eu faço?

PE: pronto aí: o que eu faço geralmente é é entro ou já tem alguém esperando lá dentro ou tão aqui tão pertinho assim da sala e eu eles veem você chegando eles vão pra sala

P: uhum

PE: aí eu dou boa noite explico geralmente eu deix... eu gosto de falar o que que vai ser a aula sobre

P: certo então assim que eu entrar na sala eu digo pra eles o que vai ser?

PE: é a ideia é que tipo assim “ó pessoal” eu vou meio que retomando “a gente não combinou é eu a minha ideia não é a gente ir aprendendo coisinhas que a gente pode usar no dia-a-dia

P: uhum

PE: coisas bem comunicativa pra gente praticar e tal então hoje eu vou querer por exemplo falar focar na parte de família” aí no caso que é que é o meu planejamento é que seja a gente fale sobre sobre família e também sobre como expressar com quem você mora

P: certo isso é o que vai acontecer sexta-feira?

PE: isso é sexta-feira

P: o que eu vou fazer

PE: isso

P: eu escrevo isso no quadro?

PE: geralmente eu faço o seguinte é: é eu uso mais o quadro porque o livro eu não tô pelo menos nessa aula eu não vou usar aí o que eu planejei pra usar nesse nessa sexta é no quadro eu vou colocar tanto um pouco de vocabulário

P: certo

PE: de de membros de família pai mãe tio tia essas coisas assim e também colocar pelo menos uma ou duas frasezinhas por exemplo “eu moro com” como eu vou falar isso em inglês

P: uhum mas isso eu devo fazer já assim que eu entrar ou eu devo construir isso com eles?

PE: assim é: eu planejo o que eu planejei foi o seguinte “pessoal com quem vocês moram?” puxar essa conversa perguntar pra eles

P: certo

PE: com que você mora porque eu acho que: é não pode/ eu não posso partir do do pressuposto de que todo mundo é uma família assim pai e mãe filho e filha

P: uhum

PE: porque é são pessoas de idades totalmente diferentes

P: certo

PE: aí vai aparecer membros de família totalmente assim diferentes tem gente que tem filho tem gente que tem neto aí pelo menos puxar isso aí “ó pessoal com quem você mora? Você mora com outras pessoas?” e tal e também e perguntar assim

P: eu pergunto isso diretamente pra alguém ou no geral mesmo pra todos?

PE: no geral mesmo porque sempre como tem mais que um que geralmente gosta de interagir aí vão responder sem problemas isso

P: certo

PE: é: sim a ideia é que seja isso de tipo puxar um pegar um pouco do vocabulário deles pra ver o que que eles com quem que eles vivem porque não tem pra quê sei lá escrever avó se ninguém mora com avó por exemplo

P: certo

PE: aí eu/ dá essa perguntadazinha de com quem eles moram pra saber o que que eu vou escrever no quadro

P: certo então quando eu pergunta:r com quem eles moram quando eles responderem... isso é em português?

PE: é isso é em português

P: aí quando eles responderem aí eu devo escrever no quadro em inglês o membro da família em inglês

PE: é é aí o que acontece foi uma coisa que eles acabam/ acho que todas as turmas pediram é todas as turmas pediram que no começo eu fazia o que eu colocava em inglês: ou eu já colocava a tradução em português ou então deixava lá em inglês e falava “ó pessoal vocês sabem o que é isso aqui?” aí praticamos a pronúncia e depois colocava em português mas uma coisa que eles pediram acho que todas as turmas pediram é: coisa de colocar como se pronuncia

P: hmmm

PE: que eles fazem “professor é que pra a gente já” umas falaram “professor é que a gente já é um pouco velho aí é melhor que é ruim de decorar é: é bom que o senhor colocasse como se pronuncia

P: uhum

PE: sabe? Aí é é engraçado porque acho que eu nunca tinha feito nunca fazia isso não pensava tanto nisso mas pra eles isso parecia ser bem importante porque as vezes eu coloco uma palavra de um jeito por exemplo daughter de filha pra eles lembrarem que é que não se fala daquele jeito

P: sim

PE: como se escreve aí eles mesmos pediram isso de colocar um jeitinho de como se assemelha ao som

P: no caso do lado ou embaixo da palavra?

PE: aí no caso eu combinei com eles é por exemplo eu coloco uma uma frase ou uma palavra aí eu coloco a fra/ a palavra em inglês em português e a pronúncia aí se vo/ é bom tanto deixar sinalizado ou coloca uma letrinha assim tipo i de inglês p de português e outra pra pronúncia ou então botar de cores diferentes de canetas

P: certo

PE: pra deixar bem bem...

P: certo então eles vão falando os membros da família eu faço isso coloco a pronúncia

PE: uhum

P: quando eu tô escrevendo quando eu tiver escrevendo no quadro eles vão tá anotando no caderno?

PE: sim é porque é como eu sou/ eu não tenho essa é muito essa noção é como eu sou professor assim recente eu acabei de... eu não tenho muito essa noção de da importância de copiar assim porque os... quer queira quer não a gente quando tá estudando é bem dependente entre aspas de escrever coisas copiar

P: uhum

PE: de copiar o assunto e tal pra estudar e: eu lembro que no começo eu eu tentava ficar muito nessa parte de pronúncia interação e não funcionava tão bem porque eles queriam alguma coisa pra escrever eles queriam tipo assim uma coisa concreta

P: ahh sim

PE: assim digamos

P: então eles pediam pra escrever pra botar no quadro

PE: é aí eu percebi que era importante escrever mesmo que tome um tempinho da aula é importante pra eles assim escrever tipo pra deixar registrado que tá que eles copiaram alguma coisa

P: certo entendi

PE: e também não só pelo fator pela aprendizagem deles como o fator visto por exemplo porque quer queira quer não é uma coisa pra tipo “pessoal” se eu peço pro pessoal anotar é outra coisa se eu falo “pessoal anotem que vale visto” aí o peso aí o pessoal já já já vai anotando mesmo

P: ahh certo

PE: aí pronto sim aí além desse desse vocabulário é o que eu gosto de fazer é que por exemplo que não fique só escrevendo eu gosto de colocar uma ou duas frases pra um responder e outro ou um perguntar e o outro responder

P: certo

PE: aí nesse caso eu eu planejo é colocar uma frase “com quem você mora” pergunta isso em inglês e “eu moro com” três pontos tais pessoas

P: certo

PE: pra que é pra

P: pra eles perguntarem entre si?

PE: isso

P: então depois que eu fizer essa parte do vocabulário/ quando eu tiver fazendo essa parte do vocabulário eu é eu fa:lo e eu peço pra eles repetirem?

PE: é geralmente eu copio tudo

P: uhum

PE: dou um tempinho pra eles copiarem porque se eu começar a copiar e já ir querendo praticar e fazer aí eles ficam assim eles param de copiar aí acaba o tempo acaba tomando mais tempo aí eu espero um pouquinho “pessoal terminem de copiar a gente vai aqui ver como é o som desse negócio”

P: certo

PE: aí eu/ eles copiam e depois vai passando de de palavra assim pelo vocabulário

P: uhum

PE: aí eu espero eles terminarem de copiar e a gente dá uma praticada aí depois dessa praticada eu peço pra eles interagirem entre si não assim livremente eu faço “ó fulaninho eu me esqueci como...” é bom é bom ser sempre assim usar umas brincadeiras não piadas mas brincadeiras “ó eu acabei de me esquecer como é que eu pergunto tal coisa pra ela pergunta isso pra mim por favor” aí “não professor não sei” “assim ó” aí eu mostro no quadro aí “vamos lá repetir” aí lálálá aí ele repete comigo aí “ok pergunta aí” aí ele pum pergunta aí eles com essa esse tipo de interação você... é que a ideia é que acho que a maioria assim é de idade um pouco mais avançada eles são um pouco envergonhados

P: uhum

PE: aí tem essa brincadeira desse desse dessa aproximação é interessante pra deixar pra fazer as coisas fluírem mais um pouquinho aí: sim o interessante é que nessa turma por exemplo eu geralmente peço pra interagir aí tem um sempre que bem tímido e mas o legal é que a turma meio que se apoia assim “vai você consegue”

P: eles são próximos?

PE: são é são amigos aí não ficam tipo um brincando com o outro

P: sei

PE: tirando brincadeira aí acontece isso “ vai você consegue se eu falei você tem que falar”

P: (risos)

PE: aí é legal isso e:: e é legal porque por exemplo as as tem umas duas se eu não me engano que são um pouco assim mais velhas que são mãe de família acho que já avós elas são as se eu não me engano são as que participam mais

P: legal

PE: aí isso é bom que tira tipo assim meio que tira a desculpa dos outros não participarem

P: sim

PE: elas ficam “ah eu falei você vai ter que falar agora” aí aí é::

P: são quantas pessoas nessa turma?

PE: nessa turma: vai te:r uma:s se eu não me engano tem umas oito a dez pessoas é oito a dez é o que acontece muito em assim no diário tem be:m mais alunos é matriculados mas o que acontece muito no eja é coisa de evasão

P: uhum

PE: por motivos/ por exemplo ontem mesmo um aluno veio falar comigo dizendo que não poderia mais é:: assistir aula porque mudaram o horário dele no trabalho

P: hum entendi

PE: aí são coisas que vão acontecer sem que você não tem controle sobre isso porque ele tem filha precisa trabalhar não pode só simplesmente deixar o trabalho a sorte é que foi já tá no fim do ano aí ele já tava passado

P: então assim nessa turma muitos dos alunos/ a maioria dos alunos trabalham?

PE: NEssa turma alguns sim mas acho que a maioria tem dona de casa tem gente que é só estudante e tem gente que trabalha tem todos os modelos nessa sala

P: uhum

PE: mas assim pelo menos assim na em cada turma tem alguém que trabalha sabe sempre tem alguém que trabalha e tem e chega atrasado chega cansado tem que pensar levar essas coisas em consideração

P: tem alguma coisa específica que eu devo fazer com esses alunos que chegam mais cansados?

PE: não assim acho que não assim pelo menos até agora acho que em outras turmas influenciou mais porque tem gente que chegava só na terceira aula aí como essa é a primeira aula essa turma ainda é bem é um pouco assim bem pontual aí cansaço não é um ponto que

P: então por ser a primeira aula é melhor?

PE: assim é melhor por um lado porque eles não tão com pressa “professor quero ir embora” é:: como também não é tão bom porque como é a primeira aula é um pouco mais cedo aí

P: alguns atrasam

PE: alguns atrasam

P: e vai ter algum material pra eu usar nessa aula?

PE: assim o que eu ando fazendo é mais utilização de quadro eles copiarem ou então eu levo algum papel eu bolo algum papel com atividades

P: se eu precisar de xérox ou alguma coisa a escola providencia?

PE: é você pode levar tem impressora lá e tem cópia também na direção

P: uhum

PE: a diretora é bem tranquila com isso ela é bem assim

P: aí eu faço ou eu peço pra alguém fazer?

PE: aí no caso tem que falar com ela porque tem uma sala de informática pra você se quiser imprimir vai lá mas se você já tiver o papel é só você ir na direção e pedir pra fazer cópias

P: então no caso eu teria que ir antes

PE: é tem que pedir antes

P: assim um dia antes ou no dia mesmo da aula?

PE: no dia mesmo dá certo só chegar um pouquinho antes e

P: certo

PE: eu só não só não aconselho por exemplo tentar fazer essas coisas no meio das aulas

P: certo

PE: porque por exemplo o eja como começa seis e meia e termina umas nove e meia nem todas as aulas são longas umas são mais curtas que as outras porque a divisão de horário não sei bem o motivo mas por exemplo a primeira aula tem mais tempo que a última

P: ah então não é o mesmo tempo?

PE: não

P: e tem sinal tem toque ou

PE: sempre tem toque entre as aulas

P: certo

PE: tem duas aulas aí intervalo e mais três aulas

P: ah entendi

PE: aí com por isso que é meio que melhor pegar as primeiras aulas assim pra você trabalhar porque elas são as mais longas as duas primeiras são as mais longas tanto que a última só tem tipo vinte minutos

P: nossa

PE: aí é uma coisa pam the flash bem/ a sorte é que com essa turma eu geralmente pego é a primeira e se eu não me engano a terceira aí não dá não dá tanto problema de questão de tempo porque essa turma sempre tem aulas meio longas aí é tranquilo

P: então: certo vamos voltar aqui pra aula rapidinho

PE: certo

P: fiz o trabalho com o vocabulário:rio e aí dou um tempo pra eles copiarem certo?

PE: isso

P: e aí depois disso eu vou faze:r eles perguntarem uns aos outros

PE: isso copia o vocabulário pratica os sons as pronúncias

P: pratica os sons

PE: e depois assim a prática deles com eles mesmos

P: certo e aí tem mais alguma coisa?

PE: acredito que não porque como as aulas não são tão longas só nesse tempo de de a gente fazer todas essas etapas tem assim vários alunos eles perguntando e eles assim sempre tem uns que ficam com vergonha tem que repetir a explicação aí acaba que acredito que pra essa aula vai ser basicamente essa estrutura

P: e aí em que momento eu faço a chamada?

PE: um momento que você pode fazer chamada é por exemplo cê copia no quadro as coisas aí como eles ainda tão copiando você pode aproveitar esse momento pra fazer a chamada

P: certo

PE: porque é na hora que eles estão escrevendo aí não vai atrapalhar a aula não vai ter mais prejuízo de tempo

P: uhum entendi em algum momento algum aluno pode chegar pra mim individualmente pra perguntar alguma coisa?

PE: assim é: você diz sobre a

P: é sobre a aula me chamar com alguma dúvida?

PE: geralmente eles chamam assim “professor vem cá como é que fala uma coisa” as vezes aparece as vezes é sobre o assunto as vezes nem tanto sobre o assunto teve uma aula que eu tava dando sobre expressões do dia-a-dia e ela queria saber como se fala deus abençoe deus te abençoe

P: hm

PE: aí é legal porque volta pra aquela coisa quão importante é assim o contexto

P: uhum

PE: porque deus te abençoe é uma coisa que ela vai falar por exemplo pras filhas dela alguém pede a benção aí tanto que ela fez “ah agora eu já vou responder isso quando me pedirem a benção” “pronto fala isso”

P: no caso os alunos podem me perguntar assim outras coisas

PE: podem eles perguntam assim eles não são tão envergonhados pra perguntar e pelo menos com essa turma as outras também eles são bem empolgados acho que principalmente com essa por ter essa partizinha que eu tento fazer de de prática tipo assim “fala isso” “pergunta isso pra ele” quer queira quer não é uma praticazinha de de utilização de inglês sabe?

P: uhum

PE: aí isso é legal pra eles eles ficam “ah eu vou chegar lá no (nome de outra escola) já falando inglês vai ser legal” “pois é tem que falar quando chegar lá dê boa noite viu” ele “tá certo”

P: então eles gostam dessa

PE: é tem umas tem umas que são bem interessadas tem uma que trabalha como doméstica que: que assim faz diárias

P: uhum

PE: diarista é:: que na sexta-feira ela tem que pegar vim direto do trabalho tem que pegar um ônibus ela chega um pouquinho atrasada mas ela faz “profeSSOR não bote falta em mim não que eu vou chegar viu eu chego atrasada mas eu chego” aí é bem interessante essa coisa da animação

P: essa coisa da falta se o aluno chega atrasado quando eu fizer a chamada eu faço mais pro final da aula mas se aluno chegar atrasado eu posso mudar? Como é que eu faço isso?

PE: o que eu faço geralmente que eles até já perceberam eu faço primeiro a chamada de lápis grafite

P: ah

PE: foi engraçado que teve até uma aluna que fez “oxe professor o senhor é o único que faz chamada de grafite”

P: hm

PE: eu “não é porque depois é que eu passo pra tinta vai que acontece alguma coisa” aí foi bem na hora que uma das/ que essa moça que é diarista chegou “professor tire minha falta aí viu”/ assim porque se chegam atrasados eu entendo como é que eu vou reclamar de uma pessoa que tá vindo do trabalho e que veio porque quer assistir a aula sabe? então eu sou bem tranquilo com isso como geralmente a chamada fica no meio da aula assim é sempre a preferência tentar deixar pro fim mas como eu não quero/ eu gosto de aproveitar o máximo de tempo possível eu faço logo quando eles tão copiando pra não perder tempo

P: uhum

PE: aí eu faço de grafite inicialmente pra que caso aconteça de ter atrasados eu possa apagar lá e dar presença

P: certo e quando eu tiver praticando com eles a pronúncia eu devo corrigir a pronúncia deles? Como é que eu faço isso?

PE: eu tento corrigir assim não: não como se fala? Diretamente/ porque por exemplo eu vou falar pai aí eu falo “father” aí eles repetem aí “vamos lá de novo” “tarará” aí quando for na hora da prática deles acontece que eles esquecem a palavra ou então não falam direito aí eu posso/ eu tento esperar eles terminarem a frase ou então a pronúncia de alguma coisa aí falo “pô muito bem é isso mesmo vamos lá repetir galera o que ela falou” aí eu repito a frase assim de um jeito diferente dá pra entender?

P: certo entendi então eu vou deixar eles falarem não devo interrompe:r a fala deles quando eles termina:rem eu devo parabenizá-los

PE: uhum é sempre bom

P: e aí:: eu repito da forma correta?

PE: é porque aí eles/ é porque acaba sendo uma correção não assim não tão diretamente tipo “não não é assim é de tal jeito”

P: certo

PE: aí você fala “massa” aí quando falar de novo eles vão perceber que tem alguma coisinha ali no meio que não foi igualzinho aí “ah beleza” aí é bom ter essa repetição de novo depois que eles praticam

P: certo entendi/ e aí tem mais alguma coisa alguma coisa dessa turma específica que eu precise saber?

PE: acredito que dessa turma não essa turma é assim a que mais interage e é bem tranquila com isso não brigam entre si não conversam não se xingam (risos)

P: eu devo passar alguma tarefa de casa pra eles?

PE: geralmente eu não passo/ pra essa aula de agora na sexta eu provavelmente vou passar um trabalho pra eles fazerem em dupla que é pra que é pra uma das notas

P: certo então quando eu termina:r eu passo esse trabalho quando? quando eu passo esse trabalho?

PE: pode falar mais pro finalzinho da aula pra dar um tempinho de explicação explicar o quê que eles tem que fazer o que cada questão tá pedindo e com quantas pessoas devem ser essas instruções assim mais

P: então eu devo dizer que o trabalho vai ser pra nota de:les

PE: isso é bom deixar essa coisa pontuada “é nota” “isso vale visto” “isso aqui não sei o que lá” porque acaba motivando assim a fazerem

P: certo

PE: “entregar dia tal sem falta”

P: e aí eu anoto no quadro essas informações/ como eu faço?

PE: é pra/ como é um trabalho bem simples que eu fiz que é uma coisa que é meio pra preencher tem as instruções no próprio trabalho

P: ah então eu vou entregar pra eles isso?

PE: isso tem duas folhas tem a folha do trabalho e uma folha das instruções do trabalho que eu fiz

P: certo aí eu leio com eles? Eu faço o quê?

PE: você pode ler com eles assim tá bem claro mas é bom ler pra/ sempre tem alguma dúvida

P: certo aí eu entrego pra eles no final da aula?

PE: isso

P: certo e: no começo da aula vai ter alguma correção dá aula passada pra fazer ou já começo com o assunto novo?

PE: eu sempre tô tentando fazer já começando com outro com outro assunto porque como as aulas dessa turma eu tenho/ são as/ geralmente pego as mais longas dá pra fazer geralmente o que eu planejo/ eu tento planejar o tempinho certo já tem outras turmas que por exemplo tem aula de vinte minutos ou trinta e eu começo um assunto e não consigo terminar

P: uhum

PE: porque tem que praticar e tal aí eu pego/ mas nessa turma eu tô conseguindo fazer assuntos assim separados digamos

P: certo e o conteúdo dessa aula é não vai ser do livro/ não vou usar o livro?

PE: é essa aula não

P: eles têm livro?

PE: têm livro sim

P: eles levam pra sala?

PE: levam no começo eles ficavam bem assim perguntando “professor vai usar livro” “vou eu vou usar continuam trazendo” porque se deixar falam “não não precisa trazer mais” aí não vão trazer vai que eu precise

P: uhum

PE: e é bom pra pra o livro pra alguns suportes por exemplo é quando eu tava praticando em aulas passadas por exemplo perguntar e responder sobre idade

P: uhum

PE: aí “pessoal é assim que a gente fala e responde qual a sua idade” só que tem a questão do número aí se eu fosse repassar tudo com eles de vários números seria uma pouco assim seria muita coisa pra escrever aí eu já/ você pode usar o livro já como suporte pra isso assim “ó em tal página tem uma tabelinha com os números pra caso vocês queiram copiar como é a idade de vocês tem no livro página tal” aí eu uso assim pelo menos pra esse tipo de suporte

P: certo mas nessa aula não vamos usar os livros não?

PE: não nessa aula não vai ser só quadro e no fim o trabalho

P: e tem algum é: plano que eu deva tipo eu vou levar algum plano pra eu olhar seguir pra eu lembrar o que eu tenho que fazer:r?

PE: nesse caso não geralmente eu/ pelo menos eu uso uma planilha do excel eu gosto de ficar colocando alimentando com com com planejamento que tem porque eu coloco o planejamento e em seguida depois eu vejo se eu tipo fiz o que eu queria pra deixar anotado pra eu poder anotar no diário depois mas assim levar pra sala mesmo não eu tenho esse controle mais assim no meu computador e eu fico preenchendo

P: certo e: eu vou assim/ pode acontecer dos alunos estarem conversando entre si a ponto de atrapalhar a aula? Tem algum caso de indisciplina que eu vou precisar lidar com eles?

PE: NEssa turma não porque como tem umas que são bem assim extrovertidas e que gostam da aula quando tem conversa eles mesmos falam “ei menino cala a boca”

P: ahh

PE: aí eles/ essa turma com questão de de conversar não dá problema não tem outra turma do que é o quatro a que a maioria é jovem aí eles as vezes ficam na conversa mas essa turma em específico é mais tranquila com isso

P: no caso se eu tivesse um problema com conversa o que eu deveria fazer?

PE: no caso bastaria assim “pessoal atenção não vamos conversar e tal” bastaria assim chamar atenção uma vez porque eles são tranquilos com isso não precisa dar um sermão no caso

P: certo

PE: esse pessoal é tranquilo

P: ok então aí acaba a aula

PE: uhum

P: eu me despeço deles/ entreguei o trabalho pra eles

PE: despede também em inglês

P: em inglês

PE: aí o que acontece “como é boa noite mesmo?” porque tem os dois boa noites né?

P: ah sim e eles já sabem disso

PE: é eles já sabem disso ou eles falam good night ou falam bye bye que eu também ensinei

P: e a escola disponibiliza algum datashow alguma coisa assim se eu quiser usar uma outra coisa além do quadro?

PE: olha pra ser sincero eu não sei eu acredito que tenha porque eles têm bastante equipamento de informática mas eu nunca pedi datashow no caso mas eu acredito que tenha na escola sim eu só não utilizei ainda

P: certo mas então você não sabe se tem uma sala

PE: tem a sala de informática é uma salinha bem grande que eu até pensei em fazer alguma coisa com eles mas tem que planejar ainda mas tem na estrutura da escola é porque é uma escola não só de eja tem aula nos três turnos

P: hum

PE: é uma escola relativamente grande sabe com várias salas aí tem biblioteca tem sala de informática que é um espaço bem

P: aí eu teria que marcar um horário?

PE: aí teria que marcar porque pelo que eu percebi à noite não tem não tem por exemplo um técnico de informática por exemplo que fica lá na sala a noite toda quando eu preciso de alguma coisa lá a diretora tem que ir lá comigo ligar computador pra poder fazer as coisas não fica não fica assim tão disponível assim aí talvez se eu quisesse fazer alguma coisa na sala de informática por exemplo eu teria acho que pedir com antecedência

P: uhum

PE: porque pelo que eu vi não tem assim gente da informática à noite

P: certo e aí quando eu sair da sala eu vou direto pra outra aula ou eu vou pra sala dos professores?

PE: nessa sexta agora é:: são aulas seguidas

P: hum

PE: é aí você/ aí eu já vou pra outra sala depois dessa

P: então no caso quando eu passar na: coordenação eu pego todos os diários eu pego tudo que eu vou usar?

PE: você pode pegar no caso eu geralmente pego duas porque por exemplo tem duas aulas e é a merenda

P: uhum

PE: aí eu pego as duas primeiras aulas aí vou pras aulas depois das aulas eu vou/ geralmente eu vou na sala dos professores primeiro e depois vou na coordenação pra deixar de volta os diários

P: e pega os próximos?

PE: aí já pego os próximos

P: certo entendi tem mais alguma coisa que eu precise saber algo que eu não posso deixar de fazer?

PE: hum o que pode acontecer que as vezes acontece pelo menos acho que à noite só acaba faltando um professor e como as turmas do eja são geralmente pequenas eles pedem “professor a gente pode juntar tal turma com tal turma?”

P: quem fala? Os alunos?

PE: não os/ a própria diretora a diretora ou o inspetor perguntam isso

P: eles perguntam se pode?

PE: é perguntam se/ é meio que se pode/ a gente tipo não é um pode que você pode responder não

P: então se a diretora perguntar se eu posso juntar a turma eu devo dizer que sim?

PE: assim é é porque você acaba/ se não vão ficar com aula vaga assim por exemplo acaba meio que vai que saiam da escola ou vão mais cedo pra casa

P: entendi mas com turmas diferentes?

PE: isso

P: níveis diferentes?

PE: isso geralmente quando junta tentam juntar os ciclos por exemplo tem três a e três b e quatro a e quatro b

P: uhum

PE: aí as vezes junta os dois quatro ou então os dois três

P: entendi

PE: tem hora que acontece isso

P: e aí junta tudo numa turma só: e aí eu faço o quê? se eu tenho planejado por exemplo essa: aula que vai falar um pouco dos membros da família e de onde eles moram eu faço o que se juntar por exemplo?

PE: caso junte é: nesse caso por exemplo digamos que esse essa aula que eu lhe falei vai ser a do quatro b do quatro a eu poderia ficar nesse mesmo assunto porque eu não teria trabalhado isso ainda com quatro a

P: uhum

PE: e é um assunto acessível pra pra ambas as turmas aí nesse caso não teria problema de assim continuar o planejado de dar essa aula nesse caso

P: uhum mas se caso fosse outra turma eu teria que mudar o assunto na hora?

PE: é dependendo da outra turma podia voltar pro assunto pra que fosse algum tipo de revisão de alguma aula que a gente já teve

P: certo

PE: “pessoal vamos lembrar como se fala como se pergunta idade” por exemplo ou então perguntar como se pergunta as preferências qual seu esporte preferido qual sua coisa preferida algum assunto que pelo menos alguma das turmas das duas trabalharam

P: uhum

PE: pra não ficar uma coisa assim ficarem muito dispersos ficar sem entender porque sendo um assunto que pelo menos uma das turmas já já teve eles podem acabar ajudando assim na questão da prática e tal porque por exemplo “você da turma que já praticou pergunte a tal pessoa ou então responde” aí pode dar uma ajuda não ficar não ficar um pouco assim desorganizado

P: certo então no caso seria a diretora que viria falar comigo não acon/ não pode acontecer assim de algum outro professor vir falar comigo?

PE: não

P: pra trocar aula ou alguma coisa assim?

PE: não ou é a diretora ou o inspetor que fala

P: certo

PE: sobre esses essas uniões de turmas

P: entendi

PE: e como eles são assim como estudam na mesma escola e tem várias pessoas que são amigos ou que moram perto um do outro já se conhecem geralmente não dá problema assim de juntar as turmas não

P: hm

PE: é uma coisa bem tranquila

P: com relação assim às decisões de trabalho por exemplo esse trabalho que eu vou passar pra eles no final da aula é é tudo eu que decido sozinha ou eu tenho que mostrar esse trabalho pra alguém? Pedir dica? tem algum outro professor de inglês lá?

PE: não no meu turno não eu sou o único de/ nesse caso é assim não diretamente mas a diretora me deu liberdade porque por exemplo ela tem noção por exemplo “eu sei que não vai dar fazer todo o assunto de um bimestre em poucas semanas já que você tem pouco tempo logo você aborde coisas que é importante pra você que você crê que sejam importantes para eles também”

P: então assim todas as avaliações você teve liberdade de elaborar não precisou

PE: isso eu tive liberdade pra elaborar

P: certo e lá tem assim planejamento com o resto dos professores?

PE: tem

P: tem algum trabalho multidisciplinar? Alguma coisa assim?

PE: teve já teve planejamento acho que eu participei de um ou dois foi planejamento é: assim multidisciplinar no meu caso não teve tanto porque como eu cheguei agora no fim não deu pra assim planejar uma coisa que eu gostaria de planejar entre professores “ó esse é o tema vamos trabalhar isso”

P: uhum

PE: aí nesse caso específico de multidisciplinar acho que não teve eu não fiz nada assim que pode ser considerado multidisciplinar

P: certo então se acontecer de juntar as turmas alguém perguntar eu digo que sim junto as turmas dei essas aulas depois no intervalo eu fico na sala dos professores?

PE: é: você pode/ geralmente eu fico na sala dos professores eu pego alguma coisa pra lanchar e:

P: eu pego alguma coisa pra lanchar aonde?

PE: lá na cozinha no caso (risos)

P: o lanche dos alunos?

PE: é exato porque dá pra você pegar os professores pegam e eu geralmente pego porque os professores já ficam lá mesmo na área de merenda com os alunos mas como eu sou novo eu sempre volto (risos) eu volto pra sala dos professores a maioria dos professores ficam lá na sala dos professores mesmo

P: certo aí tocou volto pras outras aulas aí termina eu pego a a os diários e deixo

PE: devolvo na secretaria

P: na secretaria no caso se tivesse alguma coisa pra de nota pra colocar nos diários seria em que momento que eu faria isso?

PE: assim é geralmente eu tento fazer essas coisas de preencher antes ou antes de chegar na sala de entrar em aula na sexta-feira ou no outro dia que é na segunda que eu não tenho todas as aulas entre essas aulas que eu tenho vagas eu aproveito pra preencher

P: eu não posso levar pra casa pra fazer?

PE: assim agora principalmente agora no fim do ano a diretora pediu que não porque já tá passando coisas de notas

P: uhum

PE: algumas turmas aí ela pede que não que não leve

P: certo e aí eu preencho isso e entrego lá

PE: é deixa lá na secretária cada tem vários armários aí cada blocozinho tem cada portinha é uma turma no caso ciclo quatro a ciclo quatro b aí cada um tem sua portinha de de diários

P: no caso não é DO professor específico?

PE: não não tipo assim série tal aí tem todas os diários lá

P: uhum e o livro? eu levo pra casa eu trago de casa?

PE: o livro é me passaram os livros aí eu posso levar pra casa se quiser aí eu deixei lá no armário que eu tenho mas se precisar você pode levar sim

P: uhum e fora da sala de aula assim no momento de intervalo por acaso algum aluno pode me procurar pra perguntar alguma coisa? pra falar alguma coisa?

PE: as vezes assim poder pode/ no caso não me procuraram tanto ainda só me procuraram acho que ontem foi ontem que eu dei aula lá porque por exemplo eu fiz um exercício em sala que pode acontecer isso/ é verdade eu não mencionei/ eu faço eu escrevo no quadro “pessoal anotem isso aí façam esse exerciciozinho que é pra visto vale pra nota” é importante dar esse esse sinal que é visto e vale pra nota pra eles copiarem aí “mas se terminar não tem problema leve lá sala dos professores”

P: no caso esse visto eu tenho que dá quando eles terminarem de copiar?

PE: isso é aí falo “ó se pra quem não terminou eu vou tá aqui na escola até nove e meia me procure pra eu poder dar o visto”

P: mas esse visto realmente vale vale o quê? é que nota?

PE: eu tô contando uma nota que é mais de participação engajamento e também presença pra deixar/ fiz uma nota que é mais isso de como se fosse a nossa qualitativa de antigamente

P: uhum entendi

PE: aí eu deixei claro que uma nota vai ser nesse estilo assim

P: então toda atividade tem que:

PE: é eu aproveito pra

P: pra corrigir dar o visto

PE: passar o visto

P: certo e esse trabalho que eu vou entregar é uma nota completa?

PE: é esse vai ser uma nota completa

P: vai ser a última nota?

PE: vai a última nota do ano já tá acabando

P: e eles a data limite pra entregar é quando?

PE: eu vou passar nessa sexta nessa sexta eu vou ter aula com todas as turmas aí eu vou botar a data limite de segunda-feira

P: então vai entregar esse trabalho pra todas as turmas?

PE: isso toda turma vai ter seu trabalho

P: uhum e esse trabalho eu vou levar de casa ou eu vou imprimir lá?

PE: eu levei uma/ não eu levei o pendrive e imprimir lá você vai poder imprimir lá

P: hm

PE: no caso vai levar pro trabalho

P: certo ok tem mais alguma coisa que eu precise saber pra que ninguém perceba essa substituição? Algo que eu não possa deixar de fazer?

PE: acredito que não é: essa coisa da interação é importante lembrar dessa interação/ boa noite/ e essa essa

P: essa interação com os alunos?

PE: com os alunos é

P: mas assim com os outros professo:res outros funcionários também?

PE: assim eu falo normalmente com eles é: boa noite e tal

P: certo

PE: não sou a pessoa mais extrovertida mas também não sou a pessoa INtrovertida

P: certo

PE: aí: é isso mesmo

P: e alguém da coordenação pode me procurar pra saber assim alguma coisa como tá sendo as aulas perguntar alguma coisa?

PE: geralmente a diretora me procura pra ou dar alguma instrução “ó (nome do professor) você tem que/ é você tem que preencher lembrar de preencher alguma coisa no diário ó essa parte aqui lembre de colocar o número de faltas em cada mês e tal” essas/ algumas instruções assim porque como eu sou novo tem umas coisas que eu não entendo muito bem ainda de diário e tudo mais

P: uhum

PE: aí as vezes ela dá uma ajuda assim porque ela é bem solícita e é bem tranquila também com essas coisas se eu tenho dúvida eu vou lá sem problema

P: então qualquer dúvida que eu tiver eu posso falar com ela ela sempre tá lá?

PE: é ela sempre tá lá

P: tem outra pessoa que eu posso falar se eu tiver alguma dúvida?

PE: tem também uma uma supervisora lá é tem tanto diretora e supervisora são as que você pode falar mais mas como a diretora tá sempre lá eu geralmente falo com ela se eu preciso de alguma coisa

P: certo ok mais alguma coisa?

PE: eu acredito que não

P: nada mais?

PE: acho que não

P: certo então muito obrigada!

PE: de nada!

Entrevista 02

Transcrição da entrevista com a professora Mavé

Duração do sósia: 37 minutos – Ensino Fundamental

Ocorrências	Sinais
1. Indicação dos falantes	P: pesquisadora PE: professora entrevistada
2. Pausas	...
3. Ênfase	maiúsculas
4. Alongamento de vogal	: (pequeno) :: (médio) ::: (grande)
8. Discurso reportado	" "

P: Suponha que eu seja seu sósia e que vou substituir você no seu dia de trabalho o que você precisa me dizer pra que ninguém perceba essa substituição? quando eu chegar lá o quê que eu faço?

PE: de início você vai pra coordenação certo? de lá você pega o material normalmente nós deixamos no escaninho de cada professor

P: certo

PE: e:: a partir daí você vai PRA parte do do ginásio onde nós iniciamos com a oração

P: certo

PE: todos os dias pela manhã a oração dura em média o quê? dez minutos você vai fazer essa oração com os outros professores

P: uhum

PE: e já vai Direto pra sala de aula esperar os alunos que nesse meio tempo estão tomando água indo ao banheiro quando você for esperando esses alunos obviamente “bom dia” vai recepcionando eu você vai ter que trazer essa ideia de muito carinho pra eles porque eles são muito acostumados com essa coisa de abraço de de até porque são crianças bem carentes

P: certo

PE: você vai perceber em sala de aula

P: então eu espero em pé e quando eles entrarem

PE: exatamente

P: se alguém vier me abraçar eu abraço

PE: você espera em pé na porta da sala você não fica sentada esperando eles virem ao seu encontro

P: certo

PE: você espera em pé e aí você vai recepcionando vai dando bom dia e eles vão se acomodando aos poucos quando todos estiverem em sala você vai perguntar como é que foi o dia anterior o quê que eles aprenderam como é que eles estão se eles conseguiram resolver as atividades de casa

P: uhum

PE: que você passou da aula anterior que normalmente você vai passar essa atividade pra poder saber se eles corresponderam realmente ao que você explicou ou não

P: e nesse momento eu corrijo a atividade?

PE: você não vai corrigir até então você vai perguntar se teve alguma dúvida se tiver alguma dúvida você já vai tirando a dúvida relacionada à aula anterior

P: certo

PE: certo? até então você não traz matéria NOva até poder sanar todas as dúvidas que existiram anteriormente

P: certo

PE: e aí quando você passar por esse momento aí você vai trabalhar o conteúdo daquela aula digamos que você vá trabalhar é: how are you today

P: uhum

PE: about feelings e aí você vai começar perguntando como eles estão

P: certo

PE: sem fazer nenhuma menção específica sobre o conteúdo como é que eles estão

P: sem escrever nada no quadro?

PE: SEM escrever nada no quadro só capturando toda essa informação que você precisa pra poder dar o o engaje do do não sei nem se a palavra é essa mas enfim pra poder dar o INÍcio da sua aula pra fazer com que isso possa evoluir

P: e eu pergunto no geral ou pergunto específico assim pra algum aluno?

PE: você pergunta em geral QUANdo eles se sentirem familiarizados que você ver que realmente eles já estão bem é íntimos do conteúdo digamos assim do que você tá apresentando aí você pode especificar você vai ver que tem uns que são mais dinâmicos nesse sentido não tem tanta essa coisa de vergonha então você pode direcionar porque ELES mesmos vão tá dando essa deixa e vai abrir esse espaço pra você perguntar e a partir daí pra que o o colega não se sinta incomodado você pode pedir pra que ELES perguntem entre si

P: uhum

PE: não você/ fazer com que eles conduzam isso aí você só vai direcionando

P: certo

PE: QUANdo você observar que eles trabalharam bem isso aí SIM você vai utilizar o quadro você vai trazer isso pro inglês de que maneira eles podem trabalhar isso no inglês

P: certo

PE: da mesma maneira só que com o idioma que você vai trabalhar em sala de aula

P: uhum

PE: e normalmente eu gosto de iniciar com uma dinâmica independente do assunto então por exemplo é esse conteúdo você pode trabalhar com a brincadeira do do verdade ou consequência só que a consequência ao invés de ser alguma alguma atividade alguma coisa ali é eles trabalharem frases relacionadas ao que você quer ao vocabulário que você quer

P: certo

PE: dependendo do conteúdo você pode levar um material extra por exemplo é quando você trabalha a ideia de feelings você trazer por exemplo bored happy essas coisas se você ver que eles já têm um conhecimento dali você não coloca se você ver que não tem você pode levar uma caixinha com aquilo ali e pedi pra eles

formularem formularem frases com o conteúdo ele já estudou relacionando esse conteúdo e assim você trabalha de forma dinâmica

P: esse material se eu precisar imprimir a escola imprimir?

PE: com certeza imprimir

P: aí eu levo lá antes da aula? levo quando?

PE: você tem que dizer com antecedência pelo menos de vinte e quatro horas pra que a escola possa se organizar e quando você chegar vai tá impresso no numa mesinha que já fica justamente pra que os professores peguem esse material pras aulas deles no momento que você for pegar o livro você já pega esse material

P: certo

PE: certo? e já leva pra sala de aula

P: certo aí eu faço essa atividade com eles

PE: pronto aí você faz as atividades com eles e a partir daí você já vai desenvolvendo o que você quer sobre o conteúdo

P: uhum

PE: você já pode ser mais específica porquê? Você já trabalhou já trouxe esse conhecimento prévio deles você já desenvolveu isso com eles você viu que a turma tá interagindo com isso aí então você PODE já lançar exatamente o que você quer como as escolas cobram bastante essa coisa do livro é interessante por mais que você trabalhe dinâmica você não deixar o livro escapar você VAI pra parte do livro que fala sobre isso trabalha esse conteúdo na página que tá relacionada traz o áudio que for preciso que tem no livro também

P: uhum

PE: e vai desenvolver algumas atividades com ele

P: do livro? então depois que eu fizer a dinâmica

PE: depois que você fizer a dinâmica você vai pro livro pra parte de explicação

P: certo

PE: porque é uma cobrança que a gente tem em sala e muitas vezes os pais eles questionam porque que você não trabalhou o livro didático mesmo sabendo que o conteúdo foi trabalhado ele quer que você trabalhe o livro

P: certo

PE: então pra você não dizer que não trabalhou o livro você TRAZ essa ideia do livro desenvolve a a é todo o questionamento que você trabalhou inicialmente trazendo a explicação do livro

P: uhum

PE: e aí você pode trabalhar novamente dinâmica relacionada a dupla né? pra ver se realmente aquilo ali ficou direitinho pra eles você pode trabalhar em grupo você pode fazer dependendo da situação outra atividade que desenvolva isso que tá no livro de uma forma mesclada

P: uhum

PE: e ao final da aula normalmente você vai fazer exercícios certo? é MUItto difícil não fazer exercício no final de aula

P: certo

PE: e exercício AÍ sim exercícios DO livro

P: e aí esses exercícios eles fazem individuais ou ou

PE: depende do conteúdo se for um conteúdo que abre espaço pra você poder fazer em dupla você faz em dupla se você ver que é um conteúdo que é interessante ele trabalhar individualmente você trabalha individualmente então vai depender do conteúdo que você vai trabalhar

P: certo

PE: um conteúdo como esse que eu lhe falei sobre feelings o quê que é interessante eu acredito que em dupla né

P: uhum

PE: porque aí ele vai precisar questionar um ao outro e aí saber como é que tudo isso tá sendo repassado pra ele como é que ele tá se sentindo E SE você achar interessante é bem é individual isso se for alguma coisa relacionada ao que você QUEIra que ele fale subjetivamente sobre ele você pode trabalhar individualmente

P: uhum

PE: então é MUItto relativo depende DO conteúdo não é uma forma de bolo esse aqui você vai trabalhar sempre assim esse aqui sempre assado você vai trazer de acordo com...

P: entendi mas nessa aula específica eu devo fazer isso? devo/

PE: NEssa aula eu acho interessante você trabalhar em dupla

P: certo

PE: sempre em dupla porque traz até o conteúdo anterior né porque vai trazer a ideia do verbo to be aí você pode relacionar com a ideia dos sentimentos e eles vão formular essas frases e fazer perguntas então porque não trabalhar em dupla perguntas e respostas?

P: no caso eu devo tá sempre levando em consideração o que esses alunos estudaram nas aulas anteriores?

PE: SEMPRE nunca você trabalha um conteúdo de forma isolada

P: uhum

PE: porque se você trabalhar de forma isolada o aluno vai aprender de forma isolada então não é interessante isso é interessante você casar o conteúdo anterior com o conteúdo que você tá trabalhando DEpendendo da forma que você vai trabalhar e dependendo do conteúdo que vai chegar na próxima aula que você vai trabalhar na próxima aula você já pode dar um um TOque

P: hm

PE: sobre o que vai ser colocado ali pra que ele já trabalhe isso dependendo da situação você pode pedir até atividades de pesquisa você pode “pesquisem sobre isso aqui” porque de certa forma se for um conteúdo que eles não tenham conhecimento NEnhum eles já vão TER pesquisado em casa e sua aula vai ficar muito mais produtiva

P: uhum

PE: então é SEMPRE relacionando o conteúdo anterior o conteúdo que tá sendo ministrado e o conteúdo que vai chegar/ quando der pra engajar os três ÓTImo quando não DER tenta engajar pelo menos o da aula anterior pra que eles entendam que EXISTe uma funcionalidade em cima disso aí

P: certo e sobre o vocabulário? eu trabalho tô trabalhando com os feelings aí escrevo é o que eles falam no quadro

PE: com certeza

P: e eu trabalho pronúncia com eles?

PE: trabalha pronúncia trabalha o que eles têm/ todo o vocabulário que eles já têm você vai trabalhar esse vocabulário novo por meio dessa dinâmica se for um caso como esse né essa caixinha com esse vocabulário eles vão tirando É interessante a ideia de imagens se você não trouxe um datashow eu normalmente levo o MEU datashow a escola tem o material mas nem sempre tá disponível pro professor então eu trabalho com o meu datashow

P: certo então é melhor que eu leve o datashow?

PE: é melhor porque é um só pra TODa a escola

P: ah

PE: então você leva pra que sua aula tenha mais essa questão do lúdico pra eles que eles precisam disso também QUANdo eu não consigo levar o datashow alguma coisa o quê que eu faço? Eu imprimo imagem e a própria escola me disponibiliza isso também

P: certo

PE: então por exemplo já que você vai trabalha:r os feelings você pode levar por exemplo um bonequinho chateado um bonequinho feliz qualquer coisa e: se você quiser trazer isso mais pra realidade deles é emojis porque eles têm essa dinâmica do whatsapp

P: uhum

PE: porque a maioria deles tem celular a maioria deles QUANdo não usam o do pai ou o da mãe então eles têm essa vivência com esse material então é interessante sempre isso leva o vocabulário mas não esquece de imagens não esquece de tentar associar isso pra que eles entendam que isso tá na realidade deles

P: certo

PE: pra não isolar esse conteúdo

P: uhum

PE: né?

P: certo então eu faço isso com eles faço a atividade do livro essa atividade do livro vem no final da aula no caso?

PE: a do exercício sim o exercício sempre no final da aula e aí você já vai tirando algumas dúvidas e EU costumo trabalhar alguma atividade de casa eu não gosto de trabalhar só com o livro pra atividade de casa

P: uhum

PE: então muitas vezes o que é que eu faço eu peço pra que eles façam uma atividade de pesquisa não necessariamente precisa entregar nada mas eu quero uma discussão de início na próxima aula então por exemplo se você depois dessa atividade do do dos feelings você quisesse trabalhar: sobre as próprias estações “como você se sente com relação a estação tal spring summer você se sente feli:z?” você já pode ir associando isso então se você quisesse por exemplo trabalhar alguma atividade de casa onde eles pudessem trazer não sei imagens relacionadas a esse sentimento como eles conseguem expressar isso dependendo da estação é interessante

P: uhum

PE: você vai já relacionando isso SEMPRE atividades que dê pra relacionar só que lógico que vai ter um momento que você vai ter que usar atividades do livro pra casa porque os pais cobram também existe muito essa cobrança

P: certo

PE: então você pede “responda a atividade da página vinte a vinte e dois” né aí você deixa isso mais específico e aí você realmente volta pra aquela ideia do tradicionalismo mesmo

P: uhum

PE: que eles vão fazer você vai corrigir e você vai dar aquela resposta pra ver como eles estão trabalhando mas SEMPRE que puder traz essa coisa pra que eles possa PESquisar eu gosto muito da atividade de pesquisa

P: certo

PE: porque faz o aluno trazer o mundo dele né?

P: então essa correção da atividade da aula passada ela ela sempre acontece durante a aula?

PE: SEMPRE acontece durante a aula e preferencialmente no início da aula

P: certo

PE: é MUITO difícil só se não tiver tempo só se for por exemplo o conteúdo que eu PRECise a todo custo finalizar naquela aula e eu não tenho tempo de corrigir aí infelizmente eu vou ter que colocar isso pro final aí vai ser uma coisa bem mais digamos assim não tão produtiva até digo assim

P: uhum

PE: mas NORmalmente todas as atividades eu corrijo no início de aula

P: e aí corrijo no quadro? eu anoto as respostas?

PE: se for uma atividade de exercício alguma coisa eu vou colocar no quadro e vou perguntando “e aí conseguiu fazer? Não conseguiu?” “professora eu tive dúvida nisso” “porquê? O que foi que houve? O que é que você não entendeu?” se for uma atividade de pesquisa deixa eles falarem você fala POUco demais

P: uhum

PE: você vai só colher o que eles tão trabalhando ali você vai tentar é é dar o seu palpite o MENOS possível

P: certo

PE: porque você QUER coletar o que ELES tem a dizer “você aprendeu isso? Certo mas porquê?” sempre questionando “porquê?” “eu vi isso aqui professora que é muito interessante” “foi? Por que foi interessante?” aí o outro digamos né já fala assim “professora eu achei legal isso aqui” “Ótimo porque você achou legal isso aqui?”

P: certo então essa coisa de trabalhar com o conhecimento prévio do aluno é uma política da escola ou uma política sua?

PE: é uma política minha

P: certo

PE: a escola não trabalha com isso quer dizer não foi nada que me foi repassado né ninguém me repassou isso

P: então no momento de sala de aula eu sempre considero eu devo considerar o conhecimento do aluno? sempre perguntar o que

PE: SEMPRE sempre sempre isso aí é indiscutível sempre sempre sempre sempre porque como é que eu vou saber o que eu vou trabalhar com o aluno se eu não sei o que é que ele sabe e o que ele não sabe sempre essa ideia trabalha o que ele já conhece e aí você vai colocando outras informações de maneira que ele não se sinta não sei nem se a palavra certa é essa mas agredido

P: hm

PE: né? você não pode chegar e BUM vomitar informações em cima dele não é isso a ideia é você chegar conversar com ele quando eu digo ele toda a sala né

P: uhum

PE: SABER o que ele tem de conhecimento pra aí você ir distribuindo e eu sou bem sincera em uma coisa MUITAS vezes eu prefiro mastigar bem um conteúdo por diversas aulas até que o aluno entenda do que passar batido com inúmeros conteúdos que eu acho que é o que sinceramente é o que a gente tá perdendo

P: uhum

PE: dentro da nossa educação trabalhar em conteúdos extensos alguma coisa que muitas vezes o aluno NEM serviria digamos assim pro aluno ao invés de trabalhar conhecimento que seria interessante pra trabalhar em sala de aula pra trabalhar BEM aquilo ali pra que ele leve AQUILO adiante e possa desenvolver do que tá injetando um livro inteiro e o aluno não compreender realmente qual é a essência da coisa eu não acho interessante então

P: no caso o livro você tem que cumprir todo?

PE: a escola exige que seja cumprido todo porque os pais batem em cima o que que eu tento fazer? eu tento trabalhar o meio termo eu trabalho o livro mas eu vou ser bem sincera a lhe dizer se eu ver que tem um conteúdo que ao invés de ajudar vai prejudicar que muitas vezes acontece isso

P: hm

PE: tem conteúdos que você vê que pra aquela determinada idade o aluno poderia tá tendo um progresso muito maior se você desenvolvesse uma dinâmica digamos com os feelings e não trabalhasse uma frase inTElra pra que o aluno deCOre aquilo ali

P: uhum

PE: se ISSO acontecer eu vou cortando

P: no caso você pode fazer isso? a escola não

PE: foi um aCORdo entre aspas bem grande que eu fiz com uma das coordenadoras porque existe na verdade um duelo

P: hm

PE: entre elas em relação a isso são pensamentos diversos então EU sentei com ela quando foi o início do ano peguei o material e disse “ó é: eu queria saber se eu posso trabalhar dessa forma eu NÃO vou deixar de trabalhar o livro eu vou trabalhar o livro só que eu vejo que é prejudicial pro aluno fazer dessa maneira de trabalhar o Livro inteiro de capa a capa folha por folha exercício por exercício e não saber realmente se o aluno compreendeu a essência porque se eu ensino a essência pra ele ele vai desenrolar isso em qualquer livro qualquer situação no vestibular no caso no enem né em qualquer MOmento da vida dele

P: uhum

PE: seja aqui no quarto ano seja ano que vem seja numa situação que ele precise viajar seja o que for mas se eu trabalhar da forma que vocês tão colocando trabalhar capa a capa o aluno vai se tornar um mecânico naquilo ali

P: uhum

PE: ele vai SÓ reproduzir aquilo que eu tô repassando pra ele mas ele não vai ter é: AUTORidade pra isso ele não vai ter não sei nem qual é a palavra meu deus como diz/ independência pra poder trabalhar autonomia e como é que se trabalha isso? é justamente essa ideia de não trabalhar toda a produção do livro mas sim aquilo que você julgar interessante pra que o aluno possa repercutir isso aí de forma autônoma

P: certo entendi

(entrevista interrompida por alguns segundos)

P: então é/ caso eu queira mudar alguma coisa nessa aula eu não preciso mais falar com ninguém da coordenação porque essa conversa já aconteceu?

PE: NO meu caso não precisa porque eu já conversei anteriormente mas alguns professores eles eu percebo que eles vã:o pra dizer que alguma coisa diferente vai acontecer

P: uhum

PE: essa escola graças a deus eles trazem muito essa coisa do professor ter essa liberdade sabe inclusive é uma escola que assim eu tenho MUITO carinho por isso porque eu tenho toda essa permissão de trabalhar da forma que eu entendo LÓGico explicando que o livro não vai ser abandonado porque é uma preocupação que eles têm grande porque os pais cobram DE VERDADE e não só lá qualquer outra escola pelo menos toda experiência que eu tenho os pais cobram deMAIS o uso desse material didático

P: uhum

PE: ma:s eles permitem que você possa trabalhar sua aula de forma bem mais dinâmica sabe pra que você possa trazer a aula pra O aluno para o centro ter o aluno como o centro não você porque o que eu via antigamente até porque eu tenho uma certa amizade com a professora anterior e eu cheguei a presenciar algumas aulas dela é que o CENtro da aula era ela

P: hm

PE: ela o livro o quadro o aluno era terceira quarta sei lá qual opção e eu me senti um pouco incomodada com isso

P: uhum

PE: porque eu via que o aluno ele tava se tornando tão somente uma como eu disse no início uma caixinha que tava sendo depositado todo conhecimento ali mas não se questionava se o aluno tava aprendendo se realmente aquilo tinha alguma alguma utilidade real

P: hm

PE: na vida dele se ele poderia trabalhar isso em OUtras situações da vida ISSO me incomodava muito tanto que quando ela me ofereceu as turmas eu tive uma conversa com a coordenadora até arriscando meu pescoço que a menina era minha amiga

P: uhum

PE: e disse que eu queria trabalhar dessa forma e queria saber se eu podia tanto que TOdos os meus alunos das OUtras turmas eles uma das notas deles não é prova eu cortei a ideia de prova uma/ pra trazer isso pro pai e pra mãe eu levo a

ideia da prova/ mas uma das minhas avaliações é justamente um trabalho apresentado em sala sobre a vivência do conteúdo e aí a gente trabalha com filme a gente trabalha com livro a gente trabalha com séries e isso eles conseguem produzir todo o material de início foi um choque

P: pros alunos?

PE: pros professores os alunos são extremamente receptivos eles GOSTam disso eles aprendem mais assim pelo menos é uma coisa que eu percebo

P: hm

PE: de início pra escola foi um choque porque a escola era acostumada a trabalhar com DUAS PROVAS POR BIMESTRE digamos assim três porque tem a qualitativa e tem o simulado que é dividido mas existia muito isso que TEM QUE TER a prova a prova tem que existir e aí eu discutindo com eles eu disse “gente mas a ideia da prova não é saber se o aluno compreendeu o conteúdo ou não? não é fazer com que ele realmente chegue a um denominador em cima disso aí então se a gente traz pra escola um trabalho que possa relacionar isso que possa trabalhar em equipe ou dependendo da situação até de dupla individual não sei mas que a gente possa fazer com que esse aluno se apresente ele MOSTRE o que ele aprendeu e eu possa avaliar ele em cima disso não é mais construtivo não? não é mais dinâmico não?” então foi toda uma construção hoje eu consegui fazer isso na escola NEssa escola eu consegui

P: uhum

PE: TÔ TENTANDO levar pra outras mas existe ainda um resistência muito grande mas tô tentando devagarinho

P: certo então só voltando pra aula eu termino faço essa atividade com eles no livro

PE: uhum

P: e aí: eu finalizo a aula como?

PE: aí você

P: eu corrijo essa atividade que eles acabaram de fazer?

PE: SE FOR a que você trabalhou em sala sim

P: certo então assim que eles fizerem eu corrijo

PE: você não deixa/ corrige/ se você tiver tempo também tem isso sabe porque você vai ver que dependendo da aula você NÃO VAI ter tempo

P: certo

PE: então SE você conseguiu organizar tudo sair TUDO bem bonitinho do jeito que você planejou ali

P: uhum

PE: no seu planozinho de aula ÓTIMO corrija vai pra casa só com a atividade que você pediu caso não você já VEM corrigindo essa atividade na outra aula

P: certo

PE: é a primeira coisa que você vai fazer na outra aula você não acumula alguma situação de deixar dúvida pro aluno isso aí é uma coisa que eu prezo MUITO não acumule o que você fez como diz a história lançando em cima do conteúdo que vem

P: uhum

PE: e aí entra aquela história de o livro você não precisa trabalhar ao FUNdo dele mas o que você se propôs a fazer corrija

P: certo

PE: pra que o aluno não leve exercício é é sem corrigir pra casa pra que no momento que ele precise tirar uma dúvida estudar pra alguma coisa ele saiba que aquele material que ele tem ele pode contar com ele

P: certo entendi e com relação ao plano? eu vou ter um plano na aula que eu vou seguir ou eu vou com ele na mente? tem alguma coisa que eu imprimo mesmo?

PE: depende da aula normalmente no início eu fazia todo esse planejamento

P: certo

PE: de imprimir tudinho com o passar do tempo eu só comecei a colocar os tópicos então por exemplo hoje eu pego uma folha coloco TÓpicos do que eu vou fazer

P: certo

PE: TEM um planejamento NÃO tão aprimorado mas é um planejamento

P: uhum

PE: e já coloco umas alternativas do lado por exemplo caso a datashow der errado eu vou usar as imagens

P: ah certo

PE: né? caso não estejam impressas eu vou usar o livro a figura tal caso não... aí eu vou colocando inúmeras possibilidades sabe?

P: certo

PE: até inclusive os próprios objetos que a gente tem em sala de aula

P: uhum

PE: vamos supor de uma cadeira eu transformo num prédio né uma mesa eu transformo num carro então o que eu for precisar “gente vamos imaginar que isso aqui é isso aqui agora” “isso aqui é um carro”

P: certo então eu tenho que ter sempre é outras opções para caso

PE: com certeza porque se der errado uma coisa como é que você vai fazer?

P: certo

PE: você TEM que ter você tem que ter esse gatilho sua aula só não vai poder ficar perdida ali no tempo e no espaço

P: uhum

PE: você tem que saber que se não deu certo uma coisa vai buscar outra procurar outra ATÉ você atingir o objetivo que é quem? o aluno seu objetivo SEMpre é o aluno por isso que TUdo que você vai usar é ferramenta pra que ele entenda E não quer dizer que por exemplo você leva uma aula toda programada linda e maravilhosa mas você viu que não surtiu efeito

P: hm

PE: descarte coloque outra opção você/ seu objetivo é que o aluno aprenda não importa como ele vai aprender importa que ele aprenda

P: certo

PE: levou o datashow não deu certo? viu que aqueles slides não funcionaram como você achou que iria funcionar você viu que o material que você tinha ali não tá legal você já pega a terceira quarta opção que você tenha pra que o aluno entenda

P: certo

PE: e sempre com essa preocupação sabe raphaela? eu tenho MUITO essa preocupação de saber se eles compreenderam saber se realmente o conteúdo foi bem passado saber se realmente ficou alguma dúvida porque se tem uma coisa que eu tive ÓDIO na minha infância eram as dúvidas que eu tinha e os professores não sanavam então eu não levei isso pra sala de aula TODO meu aluno que precisa tirar uma dúvida INclusive no final da aula eles tem TOTAL liberdade de chegar perguntar conversar

P: então ao final da aula pode chegar algum aluno pra tirar dúvida e aí eu tiro a dúvida desse aluno

PE: PO:de sim lógico que você vai ver seu tempo porque você vai ver que são aulas extremamente ligadas e não tem tempo de uma pra outra que eu acho errado

P: hum tem um toque pra me avisar que a aula acabou?

PE: não você que se policia

P: ah então eu tenho que saber...

PE: é tanto que eu normalmente eu ando com um relógio o celular eu não gosto porque eu tenho receio de dispersar então meu celular não sai da minha bolsa

P: certo

PE: ele fica na bolsa eu só uso realmente no intervalo isso é uma política MINHA a escola de início não reclamava agora tá reclamando mas eu nunca gostei que eu tenho medo de tirar minha atenção tirar o foco

P: certo

PE: e tira a verdade é essa sempre vai ter uma mensagem alguma coisa então o que que eu faço? eu ando com um relógio pra saber qual é o horário que eu tenho que sair o que eu acho errado dentro desse contexto é que nós não temos tempo nem pra respirar saiu de uma vai pra outra sala e você já tem que tá cem por cento pra aquela próxima aula

P: uhum

PE: que você vai fazer exatamente a mesma coisa que você na aula anterior trazendo essa ideia da dinâmica do dinamismo ma:s eu acho que seria interessante digamos uns cinco minutos uns dez minutos de uma aula pra outra

P: uhum

PE: pra que o professor pudesse respirar analisar o que vai fazer e pra que o PRÓprio aluno que tivesse ali naquela aula anterior ele pudesse tirar dúvida

P: uhum

PE: se existisse alguma coisa né

P: entendi então: o eu termino essa aula né corrijo essa atividade com eles

PE: uhum

P: e aí acabo falo alguma coisa pra eles? passo essa atividade pra casa

PE: passa a atividade pra casa aí “tchau” “deus abençoe” tudinho aí é como eu disse a você eu tenho muito carinho pelos meus alunos

P: certo

PE: se eles/ não estranhe se eles chegarem para lhe abraçar se eles chegarem pra dizer da vida deles que eles fazem isso “tia ontem eu comprei um sorvete foi assim assim o sorvete foi gostoso”

P: e aí eu dou atenção a esse aluno converso com esse aluno

PE: você dá atenção lógico você vai dar na medida do possível né

P: certo

PE: porque você vai ter que correr pra outra aula mas “que bom meu amor muito bem agora tia vai ter que correr porque tem um colega seu ali ó que tá precisando da atenção de tia também tia vai dar aula ali naquela sala assim assim assim” nunca deixar o aluno pra traz assim

P: certo

PE: sem/ se sentindo/ digamos/ imagine você iria gostar alguém chega pra falar com você você vem com tanto entusiasmo

P: uhum

P: você dá um corte daquele empurra o menino pra lá não você DÁ: atenção se você não tiver com tempo diz “tia pode lhe escutar depois?” “porque tia não tá podendo escutar agora porque olha o tanto de coisa que tia tem que fazer” mas sempre essa ideia independente de qual seja a idade

P: certo

PE: eu acho que o aluno se ele chegou pra falar com você realmente é porque ele quer que você o escute

P: certo e aí é durante a aula pode acontecer de algum pai chegar pra falar comigo?

PE: nessa escola nunca chegou normalmente os pais tem muito respeito e esperam

P: certo

PE: finalizar e normalmente procuram você no intervalo ou no final da aula ou até no início da aula

P: mas acontece de um pai chegar pra conversar?

PE: acontece acontece saber como o aluno tá pra pedir conselho do que pode fazer com esse aluno porque as vezes ele tá perturbando muito em casa alguma coisa e os alunos escutam muito pelo menos NEssa escola eles escutam muito a gente talvez por essa relação de carinho

P: uhum

PE: que a gente tem tem adolescentes nessa escola de oitavo ano que ela escuta mais a mim e a um professor que tem lá do que ao próprio pai e a mãe

P: uhum

PE: então SEMPRE a coordenadora chega pra conversar com a gente “(nome da professora) fale com ela”

P: ah então pode acontecer da coordenadora chegar pra mim é tipo aconselhando a conversar com alunos?

PE: tem acontece lá é muito família tem muito isso é uma relação é BEM interessante como eu disse a você é uma escola ímpar nesse sentido

P: uhum

PE: eles SABEM lhe escutar eles conSEguem adentrar nessa vida do aluno realmente

P: uhum

PE: então já aconteceu inclusive semana passada houve um problema em casa com uma determinada aluna e essa aluna se revoltou tava extremamente rebelde muito complicada não tava/ enfim virada né

P: uhum

PE: e aí a coordenadora conversou comigo e disse “quando você tiver uma oportunidade que você vê que dá pra conversar com fulana converse com fulana” aí eu cheguei e conversei com fulana “você tá bem? percebi que você tá um pouco estranha o que foi que houve?” se ela tiver afim de abrir a conversa pra você ótimo você adentra naquilo ali e o que você puder fazer pra ajudar você faz se ela não tiver também você não vai tá insistindo

P: certo

PE: pra que a menina não se sinta constrangida incomodada mas NORmalmente eles se abrem as vezes até choram

P: nossa

PE: é bem assim mas é bem legal

P: outra coisa pode acontecer de algum de alguém chegar pra essa questão de subir aula trocar aula ou eu sempre tenho a aula certa e nada atrapalha isso?

PE: NORMALmente você tem a aula certa/ mas já aconteceu de um exemplo EU precisei subir aula justamente no dia da prova que eu lhe falei que na verdade não era prova né era uma avaliação DE trabalhos

P: uhum

PE: eles iam fazer apresentações sobre as turmas de sexto trabalharam a dinâmica de filmes então os grupos trabalharam com filmes o oitavo ano trabalhou com super-heróis e o sétimo ano com séries então EU precisei pra poder organizar isso de três aulas

P: seguidas né?

PE: seguidas porque não tem condição de ser quebrada porque eu preciso preparar a sala inteira então levei meu datashow já tinha preparado a escola pra imprimir

P: uhum

PE: que era necessário e os alunos nesse dia iriam assumir o papel de professores então ELES iriam trazer o trabalho que eles fizeram eles tinham até autorização isso aí eu falei bem no início especifiquei que se alguma pessoa tivesse incomodando não tivesse prestando atenção eles teriam como tirar de sala de aula como qualquer outro professor eles assumiam esse papel

P: e aí pra isso acontecer se conversou com quem? com os outros professores

PE: coordenadora de início

P: ou coordenação?

PE: expliquei a situação

P: uhum

PE: a coordenadora depois disse que eu deveria falar com cada professor individualmente então eu falei com cada colega de trabalho expliquei a situação que iriam ser três quartas-feiras e aí eles poderiam utilizar as minhas aulas também já que eu estava tomando esse espaço

P: ah então foi uma troca?

PE: foi uma troca foi uma troca MAS se houver a necessidade eles cedem como eu já cedi também que também existem outras situações por exemplo é existe a professora de literatura que ela gosta muito de trabalhar o literarte então ela trabalha alguma algum livro alguma coisa e eles apresentam aquilo ali QUANdo é preciso eu cedo as aulas/ professor de geografia que gosta muito de trabalhar com a questão dos slides trabalhar com eles essa relação toda principalmente quando é aula voltada a a plane:ta

P: uhum

PE: tudo isso então quando precisa a gente cede as aulas uns pros outros

P: certo

PE: não tem essa coisa “não é minha acabou-se e eu não vou ceder pra você”

P: e aí vocês conversam entre si mesmo...

PE: conversamos entre si e explicamos pra coordenação né? porque quando chega um pai pra saber o que foi que houve a coordenação tá já sabendo do que aconteceu pra que nenhum pai pegue a gente de surpresa

P: uhum

PE: “não mas porque que ele teve tantas aulas disso e não teve disso? o que é que tá acontecendo?” então a gente tem toda essa esse ESSE comprometimento pra que não chegue um pai né/ na hora e fique com essa coisa “oxente mas porquê?”

P: e com relação a chamada? Faz a chamada

PE: final da aula

P: final da aula

PE: só que sinceramente é ultimamente não tá não tenho tempo de fazer então eu gravo o nome dos alunos que tão ali

P: hm

PE: e faço de início eu fazia quando eu não tinha o nome deles ainda em me:nte então eu fazia pra poder até aPRENder o nome de cada um

P: uhum

PE: como eu já conheço TOdos então o que que eu faço? no finalzinho da aula no mesmo papelzinho que eu anotei como eu iria dar o

P: o plano

PE: o plano de aula aí eu já anoto ali e já boto no diário

P: certo aí eu coloco no diário é depois da aula quando as aulas acabam? eu posso levar os diários pra casa?

PE: o diário fica com você

P: fica comigo

PE: então você pode colocar assim que você chega ou se você tiver um momento de aula que eles tão fazendo alguma atividade você pode colocar isso é bem livre

P: certo

PE: você não tem obrigação de deixar o diário na escola a não ser no final de cada bimestre que você precisa tá com o diário todo preenchido organizado pra que eles

possam ver se tudo aquilo ali tá ok né você tem que cumprir pelo menos lá na escola oitenta horas

P: certo

PE: você precisa cumprir isso aí mas o diário fica com você não sai da sua mão

P: certo e na escola tem outra professora de língua estrangeira? de inglês?

PE: tem

P: e aí eu posso eu converso com essa professora sobre as atividades que eu tô fazendo?

PE: conversa até porque algumas turmas são iguais

P: ah

PE: por exemplo infantil tanto eu pego como essa professora pega

P: ah então divide? eu divido?

PE: não iguais no sentido da turma não da mesma turma né a mesma série

P: o mesmo conteúdo

PE: o mesmo conteúdo

P: ah então posso conversar com essa professo:ra

PE: po:de a gente troca muito trabalho em relação a isso por exemplo é: é eu vejo que ela tem uma noção muito boa sobre desenhos

P: hum

PE: naquilo ali eu sei que ela consegue fazer isso MELHOR que eu então é tranquilo eu pedir pra que ela me ensine pra que eu possa fazer também

P: uhum

PE: ou as vezes não sei ela precisa de algum material extra que ela não trabalhou ainda e ela pediu a gente senta conversa troca esse material tem muita dina/ tem muita essa troca de informações uma com a outra não existe essa coisa “minha turma eu faço do meu jeito” “é sua turma você faz do seu jeito” a gente troca

P: certo

PE: informações QUANdo dá né

P: uhum

PE: porque a correria também é grande mas quando dá a gente faz isso

P: é então aí a aula acabou faço a chamada no final tem alguma coisa específica dessa turma que eu precise saber?

PE: sim um dos alunos (nome do aluno) ele:: ainda tá sendo diagnosticado toda a situação mas até então ele tem um problema de dislexia

P: certo

PE: e você precisa entender que em algumas situações ele NÃO vai compreender nada e você tem que ter TODA uma calma

P: uhum

PE: pra no final da aula você sentar com ele e conversar

P: ah então no final da aula eu sento com esse aluno?

PE: é você sempre vai chegar perto dele né sempre vai perguntar “(nome do aluno) tá dando certo? Você conseguiu?” e vai ter aula que ele vai tranquilo ali

P: uhum

PE: ele vai acompanhar perfeitamente em outras aulas você vai ver que não funciona tão bem assim então QUANDO isso acontecer você vai tá sempre chegando mas ele não vai você vai explicar o que for necessário durante aquela aula mas se ao final da aula você ver que ele não conseguiu então dê uma dedicação melhor pra ele

P: certo

PE: você deixa um espaço pra ele e nesse/ quando isso acontece normalmente eu termino a aula mais cedo

P: ah entendi

PE: porque eu tenho uma preocupação muito grande com ele porque eu sei que os outros pegam rápido

P: então se durante a aula eu perceber que ele não está entendendo eu tento terminar a aula mais cedo pra poder sentar com ele...

PE: EU faço isso eu faço isso se é... eu acho interessante pra que ele não se prejudique porque nós não temos outro momento

P: uhum

PE: entendeu? não tem como ele vir à tarde eu no meu caso já trabalho à tarde em outra escola então fica bem complicado pra poder organizar um OUTRO tempo pra ele então pra que ele não se prejudique/ agora é raríssimo isso

P: uhum

PE: sabe? não é uma frequência não mas QUANdo for necessário não esqueça dele porque os outros já aprenderam você viu que os outros aprenderam você não vai tá de certa forma é prejudicando aqueles alunos porque eles já compreenderam o conteúdo o que tá prejudicado é (nome do aluno) que não entendeu que não conseguiu acompanhar dependendo da situação e ele realmente fica perdido ele CHOrá

P: ah

PE: fica agoniado/ então você tem que compreender que ele pelo fato de ele não tá com esse processo de aprendizagem igual aos demais ele precisa de uma atenção

P: e essa essa decisão ela foi tomada individualmente ou a coordenação...

PE: individualmente a coordenação não me pediu pra fazer isso eu percebi na verdade eu percebi que ele tinha é: esse essa essa situação né ele tava vivendo essa situação CONversei com a coordenação a coordenadora me disse que ele tá tendo acompanhamento psicológico

P: uhum

PE: e aí SEMpre que existe alguma coisa diferente relacionada ao comportamento de (nome do aluno) sempre indico pra psicóloga o que tá ocorrendo

P: ah então no caso qualquer comportamento diferente tanto dele como de outro aluno eu indico pra alguém falo com a coordenação?

PE: fala com a coordenação a gente sempre fala com a coordenação

P: certo

PE: sempre fala SEja o que for desde desde uma situação de de/ pronto semana retrasada/ não/ é/ semana retrasada um aluno deu um show em sala de aula porque não tinha estudado o conteúdo de uma pro:va e: quando chegou em sala xingou o professor/ que no caso era eu

P: uhum

PE: chutou cadeira fez o que você imaginou então assim respirei fundo né pra não ter um ataque na hora e aí quando eu vi a situação que já tava ele já tava num nível que tirou a atenção de todo mundo assim tava MUITO agressivo

P: uhum

PE: aí eu chamei a menina da limpeza não podia deixar a sala porque tava tendo pro:va pedi pra chamar uma das coordenadoras e aí a coordenadora tirou ele de sala

P: hm

PE: conversou com ele perguntou o quê que tava acontecendo e aí eu PEDI pra coordenação chamar a mãe pra que eu conversasse com a mãe

P: hum

PE: infelizmente isso não aconteceu não sei se por conta da correria acredito que sim porque final de ano então assim é muito corrido e tal talvez tenha passado despercebido NORmalmente eles chamam MULto difícil acontecer qualquer episódio na escola e não ter a mãe ou o pai presente

P: então qualquer coisa que acontecer na aula eu posso é pedir pra que o aluno se retire ou

PE: PO:de

P: chamar alguém pra retirar o aluno

PE: pode

P: e posso pedir pra falar com os pais?

PE: eu tiro não tem condição de você conduzir a aula com uma criatura dessa não TEM como vai dispersar os outros você vai se estressar muito você não vai tá com cabeça pra resolver aquilo ali da forma que deveria então eu peço pra ele se retirar peço pra que outra pessoa/ primeiro eu pergunto né “você tá bem? Aconteceu alguma coisa?” SE eu ver que ele chegou no extremo que foi o caso desse aluno

P: hum

PE: é muito difícil eu mandar sair assim eu normalmente eu tento resolver em sala mas quando chega no extremo eu vi a hora o menino me bater

P: hum

PE: então quando chegou nesse extremo eu vi que eu realmente não tinha como controlar ele eu também não ia pegar no menino não ia tá arrastando ele não ia fazer nada disso eu chamei a coordenadora e pedi que ela o chamasse e a partir daí ela poderia chamar pai mãe quem ela achasse mais interessante pra resolver aquilo ali quando foi depois ele veio pediu desculpa conversou se acalmou aí quando ele se retirou é eu falei com a coordenação e disse que eu queria muito conversar com a mãe dele com a mãe ou o pai o responsável que fosse e eles disseram que iam chamar mas até então não chamaram

P: uhum

PE: eu deduzo que tenha sido por isso por conta da correria porque realmente tá tudo muito corrido pra poder dar conta de tudo

P: uhum

PE: mas em outras ocasiões aconteceu algo NÃO nesse nível mas eles chegaram a chamar e a gente conversou e a gente viu que realmente era alguma coisa de casa e assim solucionou mas é assim que funciona

P: certo então tem mais alguma coisa que eu devo fazer que eu não posso deixar de fazer?

PE: não acredito que você seguindo isso aí vai ser tranquilo pra você conduzir sua aula

P: uhum

PE: nada mais a acrescentar

P: qualquer dúvida que eu tiver eu sempre posso conversar com a coordenação

PE: SEMPRE sempre elas são extremamente acessíveis em relação a isso INclusive por whatsapp

P: ah certo

PE: você vê que não dá pra chegar a tempo você tá com alguma pode ligar pode mandar mensagem elas são extremamente acessíveis extremamente

P: então é isso obrigada

PE: por nada.